

REVISTA DO ENSINO

ÓRGÃO TÉCNICO DA SECRETARIA DA EDUCAÇÃO

Sumário:

REDAÇÃO

As "Fichas Profissionais"

COLABORAÇÃO

IRENE LUSTOSA — *Interesses infantís revelados por um catálogo de livros.*

IUIZ DEROMA — *Método lógico e método psicológico.*

NAIR STARLING — *Estudo em torno das emoções.*

MARIA DE LOURDES CAMPÊLO — *A realização de um auditório.*

MARIA JOSÉ DE MELO PAIVA — *Conselho da classe.*

VERA SIMCH — *Centros de interesse.*

FERNANDO DE AZEVEDO — *O espírito da educação renovada.*

TRADUÇÕES

Educação física

JOHN DEWEY — *A educação e os problemas sociais da atualidade.*

NOTICIÁRIO

Notas, avisos e instruções oficiais.

Escola solidarista.

O ensino primário no Distrito Federal.



ASSINATURA DA «REVISTA»

Ano 24\$000

Semestre 12\$000

Número avulso, 2\$000

Coleção de um ano. 25\$000

Os pedidos devem ser enviados á Directoria da «Revista do Ensino», na Secretaria da Educação e Saúde Pública, Belo-Horizonte

TABELA DE ANÚNCIOS:

Na capa (lado externo),	1 página.	100\$000
" " " "	1/2 " " " " " " " "	60\$000
" " " "	1/4 " " " " " " " "	35\$000
" " " "	1 " " " " " " " "	80\$000
" " " " (lado interno),	1 " " " " " " " "	50\$000
" " " "	1/2 " " " " " " " "	30\$000
" " " "	1/4 " " " " " " " "	60\$000
Em páginas-suplemento,	1 " " " " " " " "	40\$000
" " " "	1/2 " " " " " " " "	25\$000
" " " "	1/4 " " " " " " " "	

Para publicação mais de uma vez, os anuncios terão desconto de 20, 30 e 40%.

Os anuncios no corpo da Revista, em forma de artigos, pagarão preços especiais previamente combinados.

A tabela acima poderá ser alterada no segundo semestre deste ano.

Só se aceitam anuncios que tenham interesse para o ensino ou para os professores.

ANO VIII

JUNHO — 1934

REVISTA DO ENSINO

ÓRGÃO TÉCNICO DA SECRETARIA DA EDUCAÇÃO

As "Fichas Profissionais"

As "Fichas Profissionais" agora adotadas pela Secretaria da Educação devem ser conhecidas pelo professorado, como sendo assunto de immediato interesse d'este. Por isso mesmo seria, talvez, interessante dizer o que são elas e como appareceram, sendo inútil, de certo, afirmar de suas vantagens, — quer para os bons professores, quer para a administração do ensino. Realmente, evidencia-se que uma informação justa a respeito de um bom funcionário levada aos dirigentes do funcionalismo — só poderá ser vantajosa áquelle; e não será possível negar-se que a administração precisa ter elementos de julgamento dos que a servem, principalmente quando se trata do professorado.

Assim é que, há mais de um quarto de século, a Secretaria da Educação vem adotando o sistema de registro de notas dos professores, embora só a legislação de 1911 faça referência a essa medida.

O Regulamento aprovado pelo decreto n.º 3.191, de 1911 (art. 41, § 18), entre as atribuições dos inspectores regionais include a de "remeter á Secretaria, á medida que forem visitando as escolas e estabelecimentos de instrução de sua circunscrição, um *boletim reservado* a respeito de cada um dos professores ou directores dos estabelecimentos inspecionados; nesse boletim mencionarão: a intelligência, o preparo, a aptidão didáctica, a moralidade e fama da pessoa a que se referirem, e, bem assim, sendo professor, se emprega métodos intuitivos, especificando o de leitura, se adota a caligrafia vertical, se precisa de assisténcia técnica ou se deve ser instruido nos grupos."



O Regulamento de 1924 (aprovado pelo decreto 6.655) em seu artigo 406, declara:

"Haverá, na Diretoria da Instrução, um livro denominado "Registro de Notas", no qual serão lançadas, por despacho do Secretário do Interior, as informações referentes ao merecimento dos funcionários do ensino, depois de cuidadosamente apurada, pela secção competente, a veracidade das mesmas.

Essas informações versarão, relativamente a cada funcionário, sobre:

- a) aptidão para o ensino, revelada na cultura pedagógica e na boa transmissão daquele;
- b) assiduidade aos trabalhos escolares e dedicação profissional;
- c) disciplina mantida no estabelecimento ou na classe; ordem, asseio e conservação do prédio e material escolares;
- d) critério na aplicação dos processos de ensino;
- e) dom de tornar sua escola freqüentada pelo maior número de alunos;
- f) resultado dos exames finais e de promoção;
- g) organização de caixas escolares ou esforço pela prosperidade destas;
- h) estima em que é tido pelos alunos e pais dos mesmos;
- i) procedimento social;
- j) elaboração de livros didáticos, reputados úteis pelo Conselho Superior da Instrução."

Até 1927 as notas eram fornecidas à Secretaria pelos assistentes técnicos, em impressos com a denominação de "Boletim Reservado." Em 1927 passaram as notas a ser fornecidas nos "Boletins de nota", já sem o caráter *reservado*.

O Regulamento aprovado pelo decreto 7.970-A, de 15 de outubro de 1927, determina em seu artigo 477: "Haverá, na Diretoria da Instrução, um livro denominado "Registro de notas", no qual serão lançadas, por despacho do Secretário do Interior, as informações referentes ao merecimento dos funcionários do ensino, depois de cuidadosamente apurada, pela secção competente, a veracidade das mesmas.

Essas informações versarão, relativamente a cada funcionário, sobre:

- a) aptidão para o ensino, revelada na cultura pedagógica e na boa transmissão daquele;
 - b) assiduidade aos trabalhos escolares e dedicação profissional;
 - c) disciplina mantida no estabelecimento ou na classe; ordem, asseio e conservação do prédio e material escolares;
 - d) critério na aplicação dos processos de ensino;
 - e) dom de tornar sua escola freqüentada pelo maior número de alunos;
 - f) resultado nos exames finais e de promoção;
 - g) organização de caixas escolares ou esforço pela prosperidade destas;
 - h) estima em que é tido pelos alunos e pais dos mesmos;
 - i) procedimento social;
 - j) elaboração de livros didáticos, reputados úteis pelo Conselho Superior de Instrução."
- O último modelo de "Boletim de notas" adotado pela Secretaria da Educação apresentava o seguinte questionário, a que o assistente técnico devia responder, referindo-se a cada um dos professores de sua circunscrição:
- "Tem aptidão para o ensino, revelada na cultura geral e na boa transmissão daquele? — É assíduo aos trabalhos escolares? — Tem revelado critério na aplicação dos processos de ensino e usa, na transmissão dêste, de processo de fácil compreensão? — Prepara suas lições de maneira a tornar o ensino sempre atraente ao alcance da inteligência dos alunos? — Tem conseguido boa freqüência? — Foram satisfatórios os resultados dos exames de sua classe no ano findo? — Tem organizado caixa escolar ou se esforçado pela prosperidade desta e das outras instituições complementares e auxiliares da escola? — Qual o seu procedimento social? — Tem escrito livros didáticos reputados úteis pelo Conselho Superior da Instrução? — Colabora na Re-

vista do Ensino? — Participa das conferências dos professores, comparece às reuniões do Auditório e observa o dia de leitura?"

Em julho do ano passado, quando os assistentes técnicos estiveram aqui reunidos, foi discutida a necessidade de modificações a serem introduzidas no "Boletim de notas", não só em vista de seus tópicos não satisfazerem, dada a complexidade dos assuntos que alguns deles apresentavam, mas também porque os boletins já não estavam de acordo com as atuais idéias dominantes na Pedagogia e orientadoras ao ensino em Minas.

O assistente técnico era o único a julgar do valor profissional e das qualidades do professor, valor e qualidades que, muitas vezes, o assistente não chegava a conhecer suficientemente, em vista da sua curta permanência ao lado do professor.

As "Fichas Profissionais" são, pois, apenas uma modificação, para melhor, das antigas "notas reservadas" que eram registradas pela Secretaria da Educação.

Tais "Fichas" serão organizadas de acordo com informações fornecidas: a) pelos assistentes técnicos; b) pelas técnicas orientadoras; c) pelos diretores dos estabelecimentos de ensino. Cada um desses funcionários, separadamente, informará sobre a personalidade do professor nos seguintes aspectos: a) cultura geral; b) preparo pedagógico; c) capacidade de ensinar; d) capacidade de educar; e) trato social; f) contribuição para o ensino. A nota referente a cada um desses valores poderá ser: "muito superior", "superior", "média", "inferior", "muito inferior". Os impressos em que os funcionários competentes lançarão suas informações são acompanhados das instruções seguintes, orientadoras do critério a ser adotado no julgamento do professor:

"CULTURA GERAL

Muito inferior — Falta de conhecimentos, mesmo sobre assuntos os mais elementares de história, geografia, e literatura pátria, erros gravíssimos. Linguagem pouco corre-

ta; emprêgo de expressões vulgares, gíria. Erros de ortografia. Não lê nem os jornais. Foge de qualquer assunto de cultura geral.

Inferior — Possui conhecimento, apenas sobre os assuntos mais rudimentares de história, geografia e literatura pátria. O interesse vai apenas para os casos do ambiente imediato. Linguagem trivial. Lê apenas o jornal.

Média — Possui cultura geral que permite sustentar uma conversa superficial sobre assuntos relativos à história geografia e literatura, pátria e estrangeira. Tem algumas noções mais firmes nos assuntos que leciona. Linguagem e ortografia corretas. Lê obras recomendadas, Revista do Ensino, etc.

Superior — Capaz de expor e analisar, com bastante precisão e clareza, um conjunto de fatos relativos à história da civilização, ciências, economia política, arte, etc. Maneja idéias abstratas. Leituras variadas, não só em língua pátria mas em língua estrangeira.

Muito superior — Possui erudição sobre assuntos variados. Maneja com independência idéias abstratas. É capaz de formar sínteses originais e bem argumentadas sobre assuntos de diversos domínios da ciência. Pensamento filosófico.

PREPARO PEDAGÓGICO

Muito inferior — Ignorante de qualquer assunto teórico de Pedagogia moderna. Não conhece sinão os processos mais rotineiros do ensino.

Nenhum interesse pelo progresso pedagógico.

Inferior — Possui algumas noções de pedagogia moderna (por ex: problemas de disciplina, interesses das crianças, método global no ensino da leitura) mas as noções não são bem assimiladas e são mal interpretadas. Prefere o caminho rotineiro ou não tem escrúpulos em empregar processos mal estudados.

Médio — Está ao par das noções mais comuns do ensino moderno; conhece-as superficialmente e talvez de modo

um tanto dogmático; não procura aprofundar-se em leituras apropriadas, em discussões com colegas, professora ou assistente técnico. Limita-se à leitura da Revista do Ensino, dos artigos pedagógicos do Minas-Gerais e talvez a dois-três livros especiais e uma ou outra revista nacional.

Superior — Possui boa cultura pedagógica, que coíbe nas diversas revistas nacionais e estrangeiras, nas obras clássicas e modernas. Procura ver claro e verificar com experiências próprias os pontos forte e fracos. Tem boas noções de psicologia educacional.

Muito superior — A cultura pedagógica é vasta; conhecimentos elaborados e organizados em sistemas, relacionando-se com assuntos de psicologia, sociologia e filosofia.

CAPACIDADE DE ENSINAR

Muito inferior — Incapaz de interessar os alunos aos estudos. As noções transmitidas são confusas, cheias de erros. Os alunos não fazem nenhum progresso.

Inferior — Pouco interesse por parte das crianças, devido à rotina enfadonha das aulas; presa à letra do manual, emprega-o cegamente, sem nunca o avivar com experiências novas, exemplos interessantes, etc. Progridem apenas as crianças bem dotadas que aprendem talvez fora.

Média — Realiza o ensino, conseguindo atenção por parte das crianças, apesar das aulas não serem bem originais, nem variadas. Os métodos são, na maioria das vezes, tradicionais, orientados pelos manuais. Consegue a promoção dos alunos bons e médios, sob ponto de vista de preparo e desenvolvimento geral.

Superior — As aulas revelam o domínio seguro da matéria. Emprega uma variedade de processos, procurando interessar cada aluno segundo as capacidades respectivas. Mesmo de improviso é capaz de dar aulas bem documentadas, expando com grande clareza e ligação. Capaz de realizar com sucesso métodos de ensino concentrado, método projeto, Dalton Plan, etc., sem outra orientação sinão a sua própria. Toda a classe faz progressos.

Muito superior — Cada aula parece uma obra de artista, revelando ao mesmo tempo conhecimentos profundos da matéria e uma lógica impecável na organização do material pedagógico. É capaz de criar novos métodos e transmitir as matérias mais difíceis, mesmo às crianças pouco inteligentes, interessando do modo máximo os bem dotados.

CAPACIDADE DE EDUCAR

Muito inferior — O professor é incapaz de manter a disciplina, pelo contrário, pelo seu caráter agitado, provoca entre as crianças barulho e desordem. Nenhuma ascendência moral sobre as crianças, que não fazem mais do que ridicularizá-lo e aproveitar de sua presença para desencadear seus impulsos. Conflitos freqüentes com as crianças. Não conhece os seus alunos; e os seus julgamentos para com eles são parciais, como as suas atitudes.

Inferior — A disciplina é frouxa; consegue-a só com os meios extrínsecos ao ensino (castigos, recompensas) e mesmo assim para pouco tempo. Freqüentemente faz apelo ao auxílio do diretor ou mesmo dos colegas. Não se interessa pelos alunos, erra freqüentemente no julgamento das capacidades. Poucas crianças gostam do professor.

Média — Consegue geralmente a disciplina, sem imposições extraordinárias, mas os alunos parecem meio apáticos e os agitados precisam ser chamados muitas vezes à ordem. Trabalham e ficam quietos só na presença do professor. Interessa-se um pouco pelos alunos, mas não conhece sinão os mais salientes; ocupa-se pouco dos quietos e passivos. Trabalha sem entusiasmo. Os alunos têm certo respeito pelo professor, sem lhe ter amor.

Superior — A boa disciplina e o trabalho produtivo são conseguidos dentro de um regime de liberdade, de um modo mais natural. Nunca precisa repetir duas vezes uma ordem ou pedido. Conhece bem seus alunos, interessa-se pela vida particular da criança e procura auxiliá-la de todo modo. As crianças gostam do professor e lhe dedicam muita estima.

Muito superior — A classe — alunos e professor — não fazem sinão um harmonioso conjunto. O trabalho se faz com entusiasmo, numa alegria serena, conseguindo resultados originais, de acôrdo com as capacidades individuais e temperamento das crianças. Nunca se notam conflitos, pois um simples olhar ou uma medida sui-generis imposta no momento, apagam todas as dificuldades. Consegue notável melhoria de conduta com as crianças as mais difíceis e viciadas, procurando sublinhar os instintos da maneira mais eficiente. As crianças votam ao educador verdadeira adoração.

TRATO SOCIAL

Muito inferior — Conflitos constantes com o ambiente, mau caráter; meios pouco corretos para sabressair. Muita vulgaridade.

Inferior — Caráter irritável. Maneiras pouco finas. Pouca delicadeza no trato com os humildes e bastante lisonja com os superiores. Reservada, ligando-se com dificuldade às colegas.

Médio — Possui um certo tacto, é boa companheira.

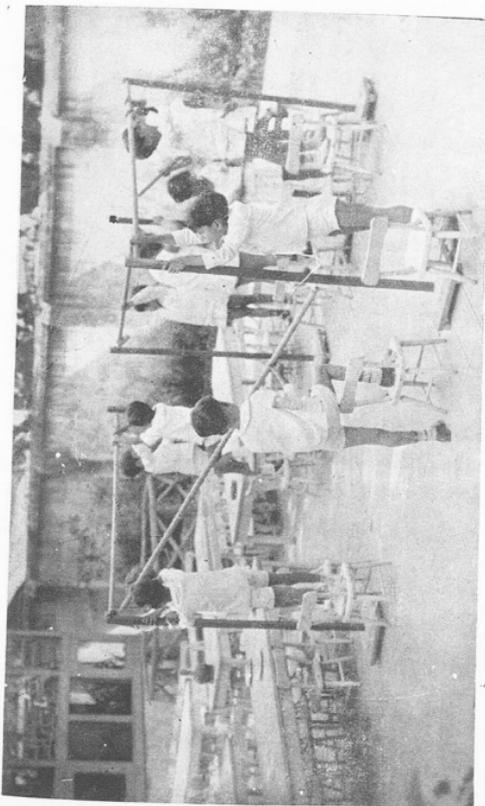
Superior — Maneiras distintas, sabe com delicadeza, impor suas idéias, defendendo com argumentos e procurando convencer. Nunca chega aos conflitos. E' respeitada.

Muito superior — Possui um dom especial para resolver os conflitos. Desempenha freqüentemente o papel de árbitro nas questões as mais delicadas. Todos lhe dedicam verdadeira amizade e estima, reconhecendo a nobreza dos seus sentimentos e sua perfeita educação e tacto.

CONTRIBUIÇÃO PARA A ESCOLA

Muito superior — Falta freqüentemente, deixa, às vezes sem aviso prévio, a classe sozinha. Chega tarde ao grupo, sai cedo, achando mil pretextos para isso. A sua contribuição é negativa, pois não faz o que lhe compete, e ainda exige que seu trabalho seja feito pelas outras pessoas.

ATIVIDADES EDUCATIVAS EM MINAS-GERAIS



Escola Infantil "Delfim Moreira" — Belo Horizonte — "Projeto" de uma loja: a armação

Inferior — Faz o mínimo necessário, sem nunca empregar esforço pessoal. O ensino não interessa sinão como meio de existência.

Média — Contribue regularmente, cumpre o dever. Geralmente se limita ao trabalho obrigatório e a pedidos especiais por parte do diretor ou dos colegas.

Superior — Segue a vida do estabelecimento com interesse, oferecendo seus esforços em todas as oportunidades. Não regula o tempo gasto com a escola e com trabalhos extraordinários. Organiza, com animação e proveito, festas, ocupações extra-escolares. Espontaneamente se prontifica a substituir um colega ausente, etc.

Muito superior — Identifica-se com a vida do estabelecimento. E' a sua alma. Dispende grande energia, entusiasmo e forças criadoras, enriquecendo a escola, material e moralmente, com atividades originais e bem eficientes".

O novo sistema adotado apresenta, pelo menos, duas grandes vantagens sôbre os anteriores: a) simplificação e clareza do questionário; b) elevação, de *um* para *três*, do número dos julgadores, — o que, de maneira evidente, torna o julgamento mais em condições de ser acertado.

Transformando, portanto, as antigas "Notas reservadas" nas "Fichas Profissionais" que agora entram a vigorar, a alte administração do ensino em Minas apenas modificou e melhorou sensivelmente um sistema indispensável de controle dos valores magisteriais, medida que, evidentemente, não pode nem deve restringir-se ao professorado primário e que sendo vantajosa para os bons mestres, só poderá ser mal recebida pelos que, conhecendo-se bem a si mesmos, temem um confronto com os seus colegas de profissão. Felizmente são poucos os que têm razão para temer o registro de suas notas...

As "Fichas Profissionais", representam o meio porque a administração tem em vista acautelar interesses do professorado e do ensino, sendo as mesmas "Fichas" um índice, aproximando-se tanto quanto possível da verdade, — que apontará aos administradores os elementos positivos e

negativos mais dignos de sua atenção, para melhor aproveitar uns e para modificar a atitude de outros, como medida de reajustamento educacional.

E quando mesmo os melhores professores não venham a ganhar mais ou a sofrer menos pelo fato de terem as mais altas notas em suas "Fichas", pois estas nunca serão remédio à falibilidade da justiça dos homens, — que ao menos haja diferença nas "Fichas Profissionais", onde os verdadeiros valores ficarão destacados como merecem.

PALAVRAS DE MESTRES

Devo ainda dizer que muito se engana quem pretenda deduzir da psicologia — ciência das leis que regem o espírito — teorias e métodos que possam ser diretamente aplicadas nas escolas. A psicologia é uma ciência; a pedagogia, uma arte, e de si mesma a ciência não faz nunca as artes nascerem. E' o engenho que estabelece a aplicação da ciência, o talento que para isso põe a sua originalidade em ação.

A ninguém nunca fez a lógica raciocinar com acerto e a ciência moral, se existe, não deu nunca a quem quer que seja boa conduta. Tudo quanto podem estas ciências fazer é nos auxiliarem a que nos surpreendamos em falta, é nos deterem quando começemos a raciocinar e a proceder mal. Elas é que nos permitem criticar, com conhecimento de causa os nossos próprios erros. Marcar limites à aplicação das regras de uma arte, fixar as leis a que obedecerá o artista — é o que a ciência colima sem manietar, todavia, a iniciativa individual, deixando-lhe antes o cuidado de escolher os fatos que devam entrar nos seus quadros. Para este talento pedagógico estará o sucesso por um certo caminho; para aquele outro estará ele por norte diferente; ambos, porém, não devem abandonar os limites que tenham sido marcados.

WILLIAM JAMES

Interesses infantis revelados por um catálogo de livros

Irene LUSTOSA

(Continuação)

Correlação com as fases de evolução dos interesses estabelecidos por diversos autores

Vários autores, estudando o desenvolvimento das crianças, têm estabelecido certas etapas que marcam a evolução desses interesses.

Nagy, psicólogo húngaro, estabelece diferentes etapas:

- 1.º — Interesses sensoriais de 0 a 2 anos.
- 2.º — Interesses subjetivos, de 2 a 7 anos.
- 3.º — Interesses objetivos, de 7 a 10 anos.
- 4.º — Interesses especializados, de 10 a 15 anos.
- 5.º — Interesses lógicos, depois de 15 anos.

Claparède, com modificações mais de forma do que mesmo de fundo, estabeleceu a classificação seguinte:

- a) — Estádio de aquisição, de experimentação:
 - 1 — Período dos interesses perceptivos, durante o 1.º ano.
 - 2 — Período dos interesses glóssicos, durante o 2.º e 3.º anos.
 - 3 — Período dos interesses gerais: despertar intelectual (idade das perguntas), dos 3 aos 7 anos.
 - 4 — Período dos interesses especiais objetivos, dos 7 aos 11 anos.
- b) — Estádio da organização, da avaliação:
 - 5 — Período sentimental; interesses éticos e sociais; interesses especializados; interesses relacionados ao sexo; dos 12 aos 18 anos.

c) — Estádio da produção:

6. — Período do trabalho. Os diversos interesses estão subordinados a um interesse superior, quer um ideal, quer, simplesmente, o interesse de conservação pessoal. Idade adulta.

Tendo em vista os interesses manifestados pelas nossas crianças, procurámos relacioná-los com as etapas de evolução, acima estabelecidas. Notámos certa correspondência com a segunda fase estabelecida por Claparède em sua classificação; estágio de organização, de elaboração, de valores: período sentimental, interesses éticos e sociais, interesses especializados, interesses relativos ao sexo. Esta relação existe, mais nitidamente, nas meninas que parecem mais precoces, manifestando tendências eróticas com mais intensidade; os meninos acham-se ainda nesta fase de apreciação pelas aventuras, guerras, manifestando também interesses relacionados ao sexo, mas em porcentagem menor.

Notámos que a fase em que se acham nossas crianças corresponde também, mais ou menos, ao quarto período estabelecido por Nagy, em sua classificação "interesses especializados".

Vermeylen nos oferece ainda uma classificação bastante prática:

1.^a *infância*: desde o nascimento até 3 anos, marcada pelo predomínio sucessivo dos interesses perceptivos, motores e glosiosos;

2.^a *infância*: de 3 a 7 anos — Período dos interesses concretos — é a idade do colecionador, do classificador, do interrogador;

3.^a *infância*: dos 7 aos 12 anos, marcada pela atividade simbólica e aquisição de conhecimentos abstratos.

A *adolescência*, de 12 a 16 ou 18 anos, caracterizada pela acentuação dos interesses éticos e sociais e o desenvolvimento da personalidade e do caráter.

Vê-se alguma relação entre os interesses de nossas crianças e a última fase estabelecida por Vermeylen "a adoles-

cência"; mas, analisando a nossa pesquisa, não encontramos ainda esses característicos de desenvolvimento da personalidade, e do caráter, verificados na fase estabelecida. Nossas crianças não se interessam ainda pelos livros referentes ao caráter, ao altruísmo; acham-se ainda em uma fase de instabilidade que não podemos determinar precisamente. A etapa anterior, marcada pela atividade simbólica e aquisição de conhecimentos abstratos, relaciona-se mais com os interesses dos meninos que, apesar de manifestarem tendências combativas, se interessam também pela História Universal, que ocupa um lugar bem elevado no gráfico acima apresentado. Este período em que se encontram os meninos corresponde também à 2.^a etapa, pela classificação feita segundo os estudos de Baldwin, Thorndike, Wund: fase imitativa, caracterizada pela aparição dos interesses sociais, agressivos ou defensivos, manifestando tendências biológicas.

Na escolha feita pelos meninos, vemos que o Banditismo, Aventuras e Guerras, ocuparam os lugares mais elevados, seguindo-se os interesses pela História Universal, Luta, Amor, Família, etc.

Segundo a classificação feita por esses autores, a 1.^a fase vai do nascimento aos 9 anos, sendo caracterizada pelos interesses sensitivos; a 2.^a, dos 13 anos à idade adulta, caracterizada pela estabilização dos interesses, estando os indivíduos já identificados a certos fins.

Como podemos ver, a 1.^a fase já foi plenamente vencida pelas nossas crianças e a 3.^a não foi ainda atingida; justamente, estão numa etapa intermediária onde há o predomínio de interesses sociais com manifestações de tendências biológicas.

Concluindo, podemos dizer que não é possível determinar, positivamente, a etapa em que se encontram as nossas crianças; acham-se ainda em um período de transição. Seus interesses se relacionam com a adolescência, sem entretanto estarem, inteiramente, dentro desta fase.

O interesse acentuado pela religião, considerado por diversos psicólogos como aparecendo já em franca adoles-

ciência e mesmo mais tarde, revela um característico peculiar de nossas crianças. Seria interessante pesquisar a causa que o determina; atualmente, não podemos afirmar que constitui um traço característico de sentimentalismo ou que revela os costumes, a educação ou mesmo a índole de nosso povo.

Conclusões — Pelos nossos estudos, que apenas reconhecemos iniciados, podemos ver que existem diferenças bem acentuadas entre os interesses das crianças de sexos diferentes, nesta idade de 10 a 13 anos. Compreendemos que nesta diversidade de interesse, existem também tendências peculiares a cada sexo. Este trabalho revela-nos ainda a necessidade imperiosa de estudar as manifestações da vida psíquica de nossas crianças, mesmo aquelas que aos adultos parecem tão banais: em todas elas a criança se manifesta, imprimindo o seu modo de ser. A educação, como dissemos no início desse trabalho, terá que se achar sempre ao lado da natureza; se ela precipita ou retarda esses estádios de desenvolvimento, pode daí resultar uma desorganização mais séria do que realmente pensamos. Prejudicar uma etapa é, segundo vários autores, prejudicar não somente o processo cujo desenvolvimento corresponde a essa etapa, mas todos os das etapas seguintes, que eles condicionam. "Querer abordar um ensino antes do desenvolvimento ter atingido o grau em que possa suportar esse peso é construir no ar".

O nosso trabalho educativo deverá, pois, repousar no interesse da criança, que constitui, precisamente, a base fundamental da nova pedagogia.

Os títulos dos livros

Afim de podermos verificar se certos títulos despertariam maior interesse do que outros, organizamos listas colocando os nomes dos livros do catálogo fictício, segundo o número de vezes que foram indicados.

As duas primeiras listas referem-se à relação dos cinco livros, considerando-se, separadamente, as indicações das crianças de um e outro sexo.

As duas últimas mostram os resultados, segundo a escolha geral.

Lista dos livros (Catálogo fictício)

Segundo a frequência da escolha.

Feminino

Seleção dos cinco preferidos.

- 1 — 98 — Milagres de Nossa Senhora de Lourdes.
- 2 — 93 — Vida de Nosso Senhor Jesus Christo.
- 3 — 40 — História de Santa Terezinha do Menino Jesus, contada por ela mesma.
- 4 — 69 — Pai, mãe e filhos.
- 5 — 57 — O príncipe encantador.
- 6 — 46 — O sono da mãe.
- 7 — 42 — História Sagrada.
- 8 — 41 — Vida das abelhas.
- 9 — 29 — A vida dos órfãos.
- 10 — 27 — O lar feliz.
- 11 — 25 — O bom criador de galinhas.
- 12 — 23 — S. Francisco de Assis, vida e obras.
- 13 — 23 — Os grandes heróis da História do Brasil.
- 14 — 21 — A bela desconhecida.
- 16 — 19 — As jóias e os colares da princesa Adelia.
- 17 — 19 — Romance de uma jovem parisiense.
- 18 — 18 — Almas e vozes do outro mundo.
- 19 — 18 — Grandezas do Brasil.
- 20 — 18 — Como Juquinha aprendeu a fumar.
- 21 — 16 — As florestas virgens.
- 22 — 15 — Para ganhar muito dinheiro.
- 23 — 15 — Os amores do poeta.
- 24 — 15 — O amor filial.

- 25 — 14 — Viagem à volta do mundo com um fuzil e saco às costas.
- 26 — 12 — As proesas do bandido "Mão Negra".
- 27 — 12 — Feiticeiras, demônios, como se vira lobishomem.
- 28 — 11 — Conselhos de higiene. Como ter sempre boa saúde.
- 29 — 11 — O corpo humano. Anatomia e fisiologia.
- 30 — 9 — Como João Glauco lutou contra as almas do outro mundo.
- 31 — 9 — Como vivem os povos selvagens.
- 32 — 9 — "Um por todos; todos por um".
- 33 — 8 — Como plantar o milho, o trigo, a mandioca.
- 34 — 8 — História da Antiguidade — Egito, Grécia, Roma.
- 35 — 8 — Os bandidos de Nova York.
- 36 — 8 — O encontro da princesa Tatiana e do nobre prisioneiro.
- 37 — 8 — As obras de caridade.
- 38 — 8 — A vida dos ladrões e assassinos, contada por eles mesmos.
- 39 — 8 — História de um homem feliz: suas refeições, seu sono e suas distrações.
- 40 — 7 — A telegrafia sem fio.
- 41 — 7 — Manual do perfeito cozinheiro.
- 42 — 7 — As montanhas, as flores, os insetos.
- 43 — 6 — Naufrágio em pleno mar.
- 44 — 6 — Aventuras do marinheiro Fernerano.
- 45 — 6 — Conselhos às moças e moços sobre como se deve bem vestir.
- 46 — 5 — Revolução francesa.
- 47 — 5 — As minas de ouro e como as descobrir.
- 48 — 5 — Para ajudar os infelizes.
- 49 — 5 — Conselhos aos moços e moças sobre como ter sempre bela cabeleira.
- 50 — 5 — Como pode cada um fazer bolos e bombons.
- 51 — 5 — Proesas de Jimmy, o palhaço.
- 52 — 5 — O espiritismo e as mesas que rodam.
- 53 — 4 — Para desenvolver a inteligência.
- 54 — 4 — História dos maiores comilões da humanidade.

- 55 — 4 — Pequeno guia para quem tratar de seus negócios.
- 56 — 4 — A vida pelos outros ou o sacrifício de Pedro.
- 57 — 4 — Os mais belos filmes cinematográficos.
- 58 — 3 — Conselhos aos que desejam melhorar-se a si mesmo.
- 59 — 3 — As mais célebres batalhas européias.
- 60 — 3 — Cartomania. Como ler cartas por meio de cartas de baralho.
- 61 — 3 — Os milagres do faquir Tahor.
- 62 — 3 — Aventuras de um jovem canadense no planeta Marte.
- 63 — 3 — Como se fabrica o vinho, a cachaça e os licores.
- 64 — 2 — Locomotivas a vapor, como são construídas.
- 65 — 2 — Como Joe se tornou um grande lutador.
- 66 — 2 — Os rios e as mais célebres quedas d'água do mundo.
- 67 — 2 — O segredo da elegância pessoal.
- 68 — 2 — Como ter sempre uma boa horta.
- 69 — 2 — O jogo de futebol e suas regras.
- 70 — 2 — De Alexandre a Napoleão, ou história dos grandes chefes militares.
- 71 — 2 — Como desenvolver a força de vontade.
- 72 — 1 — "Jiu-jitsu", ou a luta japonesa (os melhores golpes com que se deve alguém defender, numa luta livre).
- 73 — 1 — Ao som da metralhadora e do canhão.
- 74 — 1 — Regras de jogo de cartas (baralho).
- 75 — 1 — Como lutar contra as fraquezas de caráter.
- 76 — 1 — Lenine e a Rússia comunista.
- 77 — 1 — Farmácia portátil.
- 78 — 1 — Protejamos os animais.
- 79 — 1 — A arte de escolher belas meias, lenços e gravatas.
- 80 — 1 — Cincoenta dos melhores jogos de salão.
- 81 — 1 — Os maiores cientistas brasileiros.
- 82 — 1 — Os combates entre brancos e vermelhos.

- 83 — 1 — Como a gente se diverte nas diversas partes do mundo.
- 84 — 1 — Nossos maus conselheiros: o orgulho e a vaidade.
- 85 — 1 — A maneira de cada um ser útil à sua Pátria.
- 86 — 1 — Como vivem os habitantes das regiões polares.
- 87 — 1 — Como secar e conservar as plantas.
- 88 — 1 — Peter Swan, o 1.º ricaoço de Amsterdam.
- 89 — 0 — Conselhos práticos aos agricultores.
- 90 — 0 — Para compreender a mecânica.
- 91 — 0 — Como captar a água para gerar a energia elétrica.
- 92 — 0 — Jimmy e Jack, os dois célebres boxeadores.
- 93 — 0 — Como se chega a milionário ou a arte de ficar rico.
- 94 — 0 — A fotografia (como obter boas fotografias).
- 95 — 0 — Como acabou a luta entre o conde de Altavila e o duque de Extremós.
- 96 — 0 — Breve manual de astronomia, como observar o céu.
- 97 — 0 — A transfusão do sangue.
- 98 — 0 — A tomada do forte de Abd Hir.
- 99 — 0 — Verdadeiro método de tratar as plantas.
- 100 — 0 — Como vive, pensa e age o povo brasileiro.
- 101 — 0 — Como foi que assaltaram o Banco Simson.
- 102 — 0 — Como ser atraente na sociedade e como agradecer outras pessoas.

Na escôlha feita pelas meninas, podemos ver a acentuada concentração dos interesses sôbre os 3 primeiros livros: Milagres de Nossa Senhora de Lourdes, Vida de Nosso Senhor Jesus Christo, História de Santa Terezinha, respectivamente, com 98, 93 e 90 indicações cada um. São estes livros referentes à religião, interêsse que predominou em nossa pesquisa.

Os três seguintes: "Pai, mãe e filhos", "O príncipe encantador," "O sorriso da mãe", respectivamente, com 69, 57 e 46 indicações cada um, são títulos que falam muito clara

e vivamente do assunto neles contido. Referem-se ao lar e ao romantismo, interesses que foram acentuadamente revelados pelas crianças do sexo feminino.

Por essa lista, vê-se que êsses títulos e ainda os de História Sagrada e Vida das abelhas atraíam a atenção de nossas meninas. Entre os 94 títulos seguintes, nenhum alcançou 30 indicações; 21 livros foram indicados de 11 a 29 vezes.

35 tiveram de 3 a 9 indicações apenas, e os 38 últimos sô foram indicados de 0 a 2 vezes. Entre êsses, não encontramos nenhum livro referente à religião e amor, à superstição, nem mesmo ao banditismo. Referem-se a lutas, à ciência, à natureza, à personalidade, altruísmo. Sómente um se refere à História: "De Alexandre a Napoleão, ou História dos grandes chefes militares".

~~~~~

*Lista dos livros (catálogo fictício)  
segundo a frequência da escôlha.*

| <i>Masculino</i> | <i>Seleção dos cinco preferidos</i>                          |
|------------------|--------------------------------------------------------------|
| 1 — 69           | — Façanhas do Bandoleiro Lampeão.                            |
| 2 — 69           | — Vida de Nosso Senhor Jesus Christo.                        |
| 3 — 52           | — Os bandidos de Nova York.                                  |
| 4 — 43           | — Milagres de Nossa Senhora de Lourdes.                      |
| 5 — 39           | — História de Santa Terezinha, contada por ela mesma.        |
| 6 — 39           | — Proezas do bandido "Mão Negra".                            |
| 7 — 35           | — História Sagrada.                                          |
| 8 — 32           | — Revolução Francêsa.                                        |
| 9 — 31           | — "O Príncipe Encantador".                                   |
| 10 — 31          | — O jôgo de futebol e suas regras.                           |
| 11 — 29          | — Ao som da methalhadora e do canhão.                        |
| 12 — 24          | — Os grandes heróis da História do Brasil.                   |
| 13 — 23          | — Grandezas do Brasil.                                       |
| 14 — 21          | — Viagem em volta do mundo com um fuzil e um saco às costas. |

- 15 — 20 — Vida das abelhas.  
 16 — 18 — "Jiu-Jitsu", ou a luta japonêsa (os melhores golpes com que se deve alguém defender numa luta livre.  
 17 — 17 — Pai, mãe e filhos.  
 18 — 17 — As mais célebres batalhas européias.  
 19 — 16 — Como vivem os povos selvagens.  
 20 — 15 — Como João Glaucio lutou com as almas do outro mundo.  
 21 — 15 — Naufrágio em pleno mar.  
 22 — 14 — Os amores do poeta.  
 23 — 14 — Os mais belos filmes cinematográficos.  
 24 — 14 — História da antiguidade: Egito, Grécia e Roma.  
 25 — 14 — A vida dos ladrões e assassinos, contada por eles mesmos.  
 26 — 13 — Aventuras de um jovem canadense no planeta Marte.  
 27 — 13 — Como Joe se tornou um grande lutador.  
 28 — 13 — Para compreender a mecânica.  
 29 — 12 — O sorriso da mãe.  
 30 — 12 — Almas e vozes do outro mundo.  
 31 — 12 — De Alexandre a Napoleão, ou história dos grandes chefes militares.  
 32 — 12 — S. Francisco de Assis — Vida e obras.  
 33 — 11 — O amor filial.  
 34 — 11 — A vida dos órfãos.  
 35 — 11 — Como ter sempre uma boa horta.  
 36 — 11 — Como Juquinha aprendeu a fumar.  
 37 — 10 — Para ganhar muito dinheiro.  
 38 — 9 — História de um homem feliz, suas refeições, seu sono e suas distrações.  
 39 — 9 — Um por todos; todos por um.  
 40 — 9 — Como foi que assaltaram o Banco Simson.  
 41 — 9 — Para desenvolver a inteligência.  
 42 — 9 — O corpo humano: anatomia e fisiologia.  
 43 — 9 — Felicidade, demónios e como se vira lebis-homem.  
 44 — 9 — As aventuras do marinheiro Fernerano.

- 45 — 8 — Proezas de Juni, o palhaço.  
 46 — 8 — O bom criador de galinhas.  
 47 — 6 — A bela desconhecida.  
 48 — 6 — Breve manual de astronomia. Como observar o céu.  
 49 — 6 — As florestas virgens.  
 50 — 6 — Farmácia portátil.  
 51 — 6 — Locomotivas a vapor e a electricidade.  
 52 — 5 — História dos maiores comilões da humanidade.  
 53 — 5 — Como lutar contra as fraquezas de carácter.  
 54 — 5 — Protejamos os animais.  
 55 — 5 — O lar feliz.  
 56 — 5 — Romance de uma jovem parisiense.  
 57 — 5 — Como se chega a milionário, ou a arte de ficar rico.  
 58 — 5 — Telegrafia sem fio.  
 59 — 5 — Os combates entre os brancos e os vermelhos.  
 60 — 4 — Os rios e as mais célebres quedas d'água do mundo.  
 61 — 4 — As minas de ouro e como as descobrir.  
 62 — 4 — Como secar e conservar as plantas.  
 63 — 4 — Verdadeiro método de tratar das plantas.  
 64 — 4 — Como vivem os habitantes das regiões polares.  
 65 — 4 — Jimmy e Jack, os dois célebres boxeadores.  
 66 — 4 — Regras de jogos de carta (baralho).  
 67 — 4 — Como captar a água para gerar a energia eléctrica.  
 68 — 4 — A tomada do forte de Abd-Hir.  
 69 — 3 — Conselhos práticos aos agricultores.  
 70 — 3 — Como se fabrica o vinho, a cachaça e os licores.  
 71 — 3 — Como plantar o milho, o trigo e a mandioca.  
 72 — 3 — Cartomancia. Como ler a sorte por meio das cartas do baralho.  
 73 — 3 — Para ajudar os infelizes.  
 74 — 3 — O encontro da princesa Tatiana e do nobre prisioneiro.  
 75 — 3 — Cincoenta dos melhores jogos de salão.  
 76 — 3 — O espiritismo e as mesas que rodam.

- 77 — 2 — Como vive, pensa e age o povo brasileiro.  
 78 — 2 — Os milagres do faquir Tahor.  
 79 — 2 — Conselhos de higiene. Como ter sempre uma boa saúde.  
 80 — 2 — As montanhas, as florestas e os insetos.  
 81 — 2 — Como pode cada um fazer bolos e bombons.  
 82 — 2 — As obras de caridade.  
 83 — 1 — Os maiores cientistas brasileiros.  
 84 — 1 — Manual do perfeito cozinheiro.  
 85 — 1 — A fotografia (como obter boas fotografias).  
 86 — 1 — Conselhos aos que desejam melhorar-se a si mesmo.  
 87 — 1 — A vida pelos outros ou o sacrifício de Pedro.  
 88 — 1 — Conselho às moças e moços sobre como se devem bem vestir.  
 89 — 1 — Como desenvolver a força de vontade.  
 90 — 1 — Como ser atraente na sociedade e agradar às outras pessoas.  
 91 — 1 — Lenine e a Rússia comunista.  
 92 — 1 — As joias e colares da princesa Adelia.  
 93 — 1 — A arte de escolher belas meias, lenços e gravatas.  
 94 — 0 — Peter Swaan, o 1.º rico de Amsterdam.  
 95 — 0 — Conselhos às moças e aos moços sobre como ter sempre uma bela cabeleira.  
 96 — 0 — A maneira de cada um ser útil à sua Pátria.  
 97 — 0 — Nossos maus conselheiros: o orgulho e a vaidade.  
 98 — 0 — Como a gente se diverte nas diferentes partes do mundo.  
 99 — 0 — Como acabou a luta entre o conde de Altavilla e o duque de Extremós.  
 100 — 0 — O segrêdo da elegância pessoal.  
 101 — 0 — Transfusão de sangue.  
 102 — 0 — Pequeno guia para quem tratar dos doentes.

Na seleção feita pelos meninos, destacam-se, do mesmo modo, os títulos que mais se prendem aos seus interesses. Em

1.º lugar, com 69 indicações, vemos o título "Façanhas do bandoleiro Lampeão". Em 3.º e 6.º lugares, nesse mesmo gênero, vemos: "Os bandidos de Nova York e Proesas do bandido "Mão Negra", com 52 e 39 indicações cada um.

Junto a esses títulos, nos 2.º, 5.º e 7.º lugares, vemos os livros de religião: "Vida de Nosso Senhor Jesus Christo", (69 ind.), "Milagres de Nossa Senhora de Lourdes", (43 ind.), e "História Sagrada", (35 ind.).

As indicações dos meninos não foram, tão acentuadamente, concentradas sobre os mesmos livros. Seguidamente aos títulos acima citados, vemos 30 livros tendo de 10 a 32 indicações:

Os 37 seguintes foram indicados de 3, 2, 9 vezes, e os 28 restantes tiveram apenas de 0 a 2 indicações.

São esses últimos, em sua maioria, referentes à ciência, natureza, elegância, sociedade, altruísmo, não se encontrando nenhum relacionado com religião, banditismo, lutas, guerras.

#### *Lista dos livros (Catálogo fictício)*

Indicação geral, segunda a frequência da escolha.

(Masculino)

- 1 — 133 — Vida de Nosso Senhor Jesus Christo.  
 2 — 127 — Façanhas do bandoleiro "Lampeão".  
 3 — 125 — Os bandidos de Nova York.  
 4 — 117 — Revolução Francêsa.  
 5 — 114 — As proesas do bandido "Mão Negra".  
 6 — 104 — Milagres de Nossa Senhora de Lourdes.  
 7 — 104 — História de Santa Terezinha.  
 8 — 100 — História Sagrada.  
 9 — 98 — Grandezas do Brasil.  
 10 — 98 — Os grandes heróis da História do Brasil.  
 11 — 92 — "Jiu-jitzu" ou a luta japonêsa. (Os melhores golpes com que se deve alguém defender, numa luta livre).

- 12 — 92 — Como João Glauco lutou com as almas do outro mundo.
- 13 — 92 — Viagem à volta do mundo com um fuzil e um saco às costas.
- 14 — 85 — Ao som da metralhadora e do canhão.
- 15 — 84 — As mais célebres batalhas européias.
- 16 — 84 — O príncipe encantador.
- 17 — 80 — Como vivem os povos selvagens.
- 18 — 78 — A vida dos ladrões e assassinos, contada por eles mesmos.
- 19 — 77 — Os combates entre os brancos e os vermelhos.
- 20 — 77 — O jogo de futebol e suas regras.
- 21 — 73 — S. Francisco de Assis: vida e obras.
- 22 — 71 — Pai, mãe e filhos.
- 23 — 68 — Almas e vozes do outro mundo.
- 24 — 68 — Naufrágio em pleno mar.
- 25 — 67 — As aventuras do marinheiro Fernerano.
- 26 — 67 — Proesas de Jimmy, o palhaço.
- 27 — 67 — História da antiguidade: Egito, Grécia e Roma.
- 28 — 63 — Como Joe se tornou grande lutador.
- 29 — 63 — Sorriso da mãe.
- 30 — 61 — Como foi que assaltaram o Banco Simson.
- 31 — 60 — Feiticeiras, demônios, como se vira lobis-homen.
- 32 — 60 — De Alexandre a Napoleão. História dos grandes chefes militares.
- 33 — 59 — Os maiores cientistas brasileiros.
- 34 — 59 — A telegrafia sem fio.
- 35 — 58 — Os mais belos filmes cinematográficos.
- 36 — 56 — As minas de ouro, como as descobrir.
- 37 — 55 — Para ganhar muito dinheiro.
- 38 — 53 — Para desenvolver a inteligência.
- 39 — 51 — Vida das abelhas.
- 40 — 51 — História de um homem feliz: suas refeições, seu sono e suas distrações.
- 41 — 51 — Encontro da princesa Tatiana e do nobre prisioneiro.

## ATIVIDADES EDUCATIVAS EM MINAS-GERAIS



Escola Infantil "Jefflin Moreira" — Belo Horizonte — "Projeto" de uma loja: desenhos para as paredes

- 42 — 50 — Aventuras de um jovem cadanense no planeta Marte.
- 43 — 49 — O bom criador de galinhas.
- 44 — 48 — Os milagres do Faquir.
- 45 — 48 — Locomotivas a vapor e a electricidade (como são construídas).
- 46 — Os rios e as mais célebres quedas do mundo.
- 47 — 47 — Como vivem os habitantes das regiões polares.
- 48 — 46 — Como Juquinha aprendeu a fumar.
- 49 — 46 — A bela desconhecida.
- 50 — 43 — Como ter sempre uma boa horta.
- 51 — 41 — Como plantar o milho, o trigo, a mandioca.
- 52 — 41 — Como se chega a milionário, ou a arte de ficar rico.
- 53 — 41 — O lar feliz.
- 54 — 41 — "Um por todos; todos por um".
- 55 — 41 — As florestas virgens.
- 56 — 40 — Tomada do forte de Abd-Hir.
- 57 — 40 — Para ajudar os infelizes.
- 58 — 48 — A vida pelos outros ou o sacrificio de Pedro.
- 59 — 40 — O corpo humano. Anatomia e fisiologia.
- 60 — 39 — Conselhos de hygiene. Como ter sempre boa saude.
- 61 — 39 — Como se fabrica o vinho, a cachaça e os licores.
- 62 — 39 — Breve manual de astronomia. Como observar o céu.
- 63 — 39 — Os amores do poeta.
- 64 — 39 — A vida dos órfãos.
- 65 — 38 — Jimmy e Jack, os dois célebres boxeadores.
- 66 — 38 — História dos maiores comilões da humanidade.
- 67 — 37 — Como acabou a luta entre o conde de Altavilla e o duque de Extremós.
- 68 — 36 — Para compreender a mecânica.
- 69 — 35 — Como pode cada um fazer bolos e bombons.
- 70 — 35 — Protejamos os animais.
- 71 — 34 — Cartomançia — Como ler a sorte por meio de cartas de baralho.

- 72 — 34 — Como a gente se diverte nas diferentes partes do mundo.
- 73 — 34 — As obras de caridade.
- 74 — 34 — Lenine e a Rússia comunista.
- 75 — 32 — O amor filial.
- 76 — 32 — O espiritismo e as mesas que rodam.
- 77 — 31 — Como captar água para gerar a energia elétrica.
- 78 — 30 — A transfusão do sangue.
- 79 — 30 — As jóias e os colares da princesa Adelia.
- 80 — 29 — Conselhos às moças e aos moços sobre como se devem bem vestir.
- 81 — 28 — Romance de uma jovem parisiense.
- 82 — 28 — Como lutar contra as fraquezas de caráter.
- 83 — 27 — Como vive, pensa e age o povo brasileiro.
- 84 — 26 — Cincoenta dos melhores jogos de salão.
- 85 — 25 — Como desenvolver a força de vontade.
- 86 — 25 — As montanhas, as flores, os insetos.
- 87 — 25 — Regras de jogo de cartas (baralho).
- 88 — 24 — Conselhos aos que desejam melhorar-se a si mesmo.
- 89 — 24 — Como secar e conservar as plantas.
- 90 — 24 — A maneira de cada um ser útil à sua Pátria.
- 91 — 24 — Manual do perfeito cosinheiro.
- 93 — 22 — A fotografia. (Como obter boas fotografias).
- 94 — 21 — Farmácia portátil.
- 95 — 19 — A arte de escolher belas meias, lenços e gravatas.
- 96 — 17 — Nossos maus conselheiros: o orgulho e a vaidade.
- 97 — 16 — Conselhos às moças e aos moços sobre como ter sempre bela cabeleira.
- 98 — 15 — Conselhos práticos aos agricultores.
- 99 — 15 — Como ser atraente na sociedade e gradar às outras pessoas.
- 100 — 14 — Pequeno guia para quem tratar de seus doentes.

- 101 — 14 — O segredo da elegância pessoal.
- 102 — 11 — Peter Swaan, o primeiro ricoço de Amsterdam.

Os 10 primeiros livros que mais interessaram aos nossos meninos referem-se à Religião, ao Banditismo, às Guerras e a História.

São eles:

- 1 — 133 — Vida de Nosso Senhor Jesus Christo.
- 2 — 127 — Façanhas do bandoleiro "Lampeão".
- 3 — 125 — Os bandidos de Nova York.
- 4 — 117 — Revolução Francesa.
- 5 — 114 — As proezas do bandido "Mão Negra".
- 6 — 104 — Milagres de Nossa Senhora de Lourdes.
- 7 — 104 — História de Santa Terezinha.
- 8 — 100 — História Sagrada.
- 9 — 98 — Grandezas do Brasil.
- 10 — 98 — Os grandes heróis da História do Brasil.

Os 10 últimos referem-se à ciência, à personalidade e a elegância.

São eles:

- 93 — 22 — A fotografia (como obter boas fotografias).
- 94 — 21 — Farmácia portátil.
- 95 — 19 — A arte de escolher belas meias, lenços e gravatas.
- 96 — 17 — Nossos maus conselheiros: o orgulho e a vaidade.
- 97 — 16 — Conselhos às moças e aos moços sobre como ter sempre bela cabeleira.
- 98 — 15 — Conselhos práticos aos agricultores.
- 99 — 15 — Como ser atraente na sociedade, e agradar às outras pessoas.
- 100 — 14 — Pequeno guia para quem tratar de seus doentes.
- 101 — 14 — O segredo da elegância pessoal.
- 102 — 11 — Pete Swaan, o primeiro ricoço de Amsterdam.

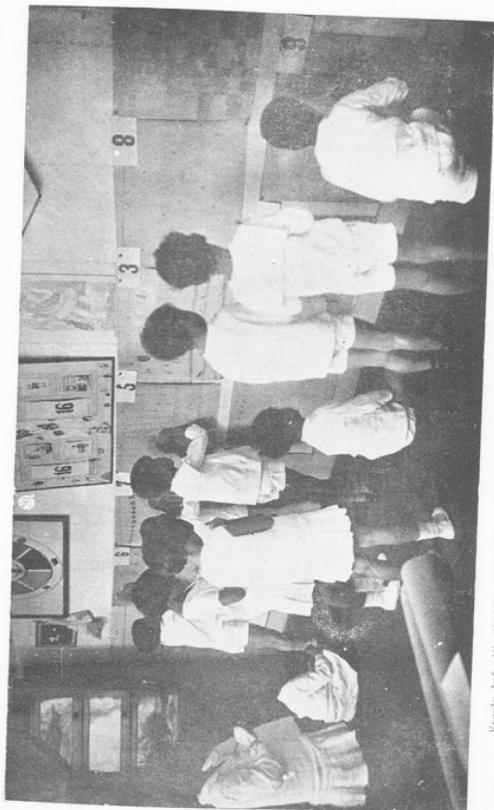
*Lista dos livros (Catálogo fictício)*

segundo a frequência da escolha.

*Feminina**Indicação geral*

- 1 — 186 — Vida de Nosso Senhor Jesus Christo.
- 2 — 178 — História de Santa Terezinha do Menino Jesus, contada por ela mesma.
- 3 — 168 — Pai, mãe e filhos.
- 4 — 162 — O Príncipe Encantador.
- 5 — 159 — O sorriso de mãe.
- 6 — 150 — História Sagrada.
- 7 — 148 — Milagres de Nossa Senhora de Lourdes.
- 8 — 143 — Vida dos Orfãos.
- 9 — 129 — O bom criador de galinhas.
- 10 — 121 — Como Juquinha aprendeu a fumar.
- 11 — 118 — O lar feliz.
- 12 — 117 — As joias e os colares da princesa Adelia.
- 13 — 115 — História de um homem feliz: suas refeições, seu sono e distrações.
- 14 — 114 — A bela desconhecida.
- 15 — 111 — Façanhas do bandoleiro "Lampeão".
- 16 — 111 — Grandezas do Brasil.
- 17 — 109 — Os grandes heróis da História do Brasil.
- 18 — 105 — Almas e vozes do outro mundo.
- 19 — 104 — S. Francisco de Assis: vida e obras.
- 20 — 100 — O encontro da princesa Tatiana e do nobre prisioneiro.
- 21 — 99 — Os amores do poeta.
- 22 — 99 — Vida das abelhas.
- 23 — 97 — Para ganhar muito dinheiro.
- 24 — 95 — As proezas do bandido "Mão Negra".
- 25 — 95 — As obras de caridade.
- 26 — 95 — O amor filial.
- 27 — 94 — As minas de ouro e como as descobrir.
- 28 — 93 — Viagem em volta do mundo com um fuzil e um saco às costas.

## ATIVIDADES EDUCATIVAS EM MINAS-GERAIS



Escola Infância "Deffins Moreira". — Belo-Horizonte — "Projeto" de uma aula: julgamento das desenhos

- 29 — 92 — Como João Glauco lutou com as almas do outro mundo.
- 30 — 90 — Um por todos; todos por um.
- 31 — 89 — Como vivem os povos selvagens.
- 32 — 88 — As florestas virgens.
- 33 — 86 — Para desenvolver a inteligência.
- 34 — 85 — As montanhas, as flores, os insetos.
- 35 — 82 — As aventuras do marinheiro Fernerano.
- 36 — 82 — A vida dos ladrões e assassinos, contada por eles mesmos.
- 37 — 81 — Como plantar o milho, o trigo, a mandioca.
- 38 — 81 — Feiticeiras, demónios, e como se vira lobis-homem.
- 39 — 79 — Para ajudar os infelizes.
- 40 — 79 — Manual do perfeito cozinheiro.
- 41 — 78 — Romance de uma jovem parisiense.
- 42 — 77 — Proezas de Jimmy, o palhaço.
- 43 — 76 — O corpo humano. Anatomia e fisiologia.
- 44 — 75 — Revolução Francêsa.
- 45 — 73 — Como ter sempre uma boa horta.
- 46 — 73 — Os combates entre os brancos e vermelhos.
- 47 — 73 — Breve manual de astronomia. Como observar o céu.
- 48 — 72 — Os bandidos de Nova York.
- 49 — 70 — Naufrágio em pleno mar.
- 50 — 70 — História da antigüidade: Egito, Grécia e Roma.
- 51 — 69 — Conselhos às moças e aos moços sôbre como ter sempre uma bela cabeleira.
- 52 — 68 — Conselhos às moças e aos moços como se devem bem vestir.
- 53 — 67 — Conselhos de higiene. Como ter boa saúde.
- 54 — 67 — Como pode cada um fazer balas e bombons.
- 55 — 67 — Pequeno guia para quem tratar de seus dentes.
- 56 — 64 — "Jiu-jitsu", ou a luta japonesa. (Os melhores golpes com que se deve alguém defender, numa luta livre).
- 57 — 63 — Os milagres do faquir Tabor.

- 58 — 62 — Como se fabrica o vinho, a cachaça e os licores.  
 59 — 62 — A vida pelos outros, ou o sacrifício de Pedro.  
 60 — 61 — Nossos maus conselheiros: o orgulho e a vaidade.  
 61 — 61 — História dos maiores comilões da humanidade.  
 62 — 61 — Ao som da metralhadora e do canhão.  
 63 — 60 — Aventuras de um jovem canadense no planeta Marte.  
 64 — 59 — Os rios e as mais célebres quedas d'água do mundo.  
 65 — 58 — Cartomancia. Como ler a sorte por meio das cartas do baralho.  
 66 — 54 — As mais célebres batalhas européias.  
 67 — 54 — Protejamos os animais.  
 68 — 54 — Como foi que assaltaram o Banco Simson.  
 69 — 53 — De Alexandre a Napoleão, ou a história dos grandes chefes militares.  
 70 — 53 — Como se chega a millionário, ou a arte de ficar rico.  
 71 — 53 — Como vive, pensa e age o povo brasileiro.  
 72 — 52 — Segrêdo da elegância pessoal.  
 73 — 52 — Conselhos aos que desejam melhorar a si mesmo.  
 74 — 51 — Os maiores cientistas brasileiros.  
 75 — 51 — A arte de escolher belas meias, lenços e gravatas.  
 76 — 50 — A transfusão do sangue.  
 77 — 48 — O verdadeiro método de tratar as plantas.  
 78 — 48 — A telegrafia sem fio.  
 79 — 47 — Como secar e conservar as plantas.  
 80 — 47 — A maneira de cada um ser útil à pátria.  
 81 — 47 — Cincoenta dos melhores jogos de salão.  
 82 — 45 — Como a gente se diverte nas diferentes partes do mundo.  
 83 — 44 — Como Joe se tornou um grande lutador.  
 84 — 42 — O espiritismo e as mesas que rodam.  
 85 — 42 — Como vivem os habitantes das regiões polares.  
 86 — 42 — Os mais belos filmes cinematográficos.

- 87 — 39 — Como desenvolver a força de vontade.  
 88 — 38 — Como ser atraente na sociedade e agradar a outras pessoas.  
 89 — 38 — Regras de jogo de cartas (baralho).  
 90 — 37 — O jogo de futebol e suas regras.  
 91 — 36 — Como lutar contra a fraqueza de caráter.  
 92 — 33 — Como acabou a guerra entre o conde Altavila e o duque de Extremós.  
 93 — 31 — Lenine e a Rússia Comunista.  
 94 — 31 — Locomotiva a vapor e a eletricidade (como são construídas).  
 95 — 26 — A tomada do forte de Abd-Hir.  
 96 — 25 — Como captar a água para gerar a energia elétrica.  
 97 — 24 — A fotografia (como obter boas fotografias).  
 98 — 22 — Jimmy e Jack, os dois célebres boxeadores.  
 99 — 22 — Farmácia portátil.  
 100 — 19 — Peter Swaan, o primeiro ricoço de Amsterdam.  
 101 — 17 — Conselhos práticos aos agricultores.  
 102 — 7 — Para compreender a mecânica.

Na indicação geral das meninas, vemos, nos primeiros lugares, os livros sobre Religião, Lar, Romantismo, que também predominaram na seleção dos cinco preferidos.

Os 10 últimos são livros de Ciência, Lutas, alguns de História, referindo-se, porém, a assuntos afastados e desconhecidos.

IRENE LUSTOSA

#### PALAVRAS DE MESTRES

*Em educação o grande problema é fazer do sistema nervoso um aliado e não um inimigo; é capitalizar as aquisições e viver folgadoamente com os juros. Para isso, devemos tornar automáticos e habituais, tanto quanto pudermos, o maior número possível de ações úteis e fugir com grande cuidado a tudo que puder engendrar hábitos nocivos.*

WILLIAM JAMES

## Método lógico e método psicológico

Luiz DEROMA

(Professor de Metodologia da Escola Normal de Uberaba)

Ninguém ignora por certo que, em relação a métodos de ensino, a maioria de manuais e compêndios é bastante defeituosa. Entretanto, isto não quer dizer que cada um, particularmente, não tenha o seu valor intrínseco ou extrínseco, valor esse que o recomenda ao favor do público que lê e estuda; quer dizer, sim, que existe um certo número de erros e lacunas em que todos incidem, tornando-se, por conseguinte, passíveis da mesma censura. Em via de regra, todos se acham dominados por uma espécie de obsessão: encontrar de qualquer modo um princípio de classificação que lhes permita introduzir um pouco de ordem no seio dessa família, tão bizarra e paradoxal, como é a dos métodos pedagógicos. No que me diz respeito, acho que fariam bem melhor se não levassem tanto a sério essa questão de sistematizações e classificações muito rigorosas: em geral, dão muito mais trabalho a quem as concebe e organiza, do que prazer a quem é obrigado a examiná-las. Demais, uma classificação, um sistema, só é perfeitamente compreendido por quem o idealizou.

Folheando certos manuais belgas, alemães ou espanhóis assalta-nos, logo de início, um verdadeiro dilúvio de termos abstrusos e rebarbativos; os nossos parcos conhecimentos de etimologia clássica são, destarte, postos a uma prova duríssima, sem resultado apreciável para a elucidação do assunto. A miude, esbarramos com expressões como estas, designando, ou querendo designar, simples formas didáticas: forma acromática, exposição continuada e sem interrupção, forma *erctemática*, exposição cortada de interrogações frequentes (esta última compreende nada menos do que sete

formas subsidiárias, catequética, socrática, eurística, repetitiva, examinativa, analítica e sintética, paralógica). Outras vezes, é uma completa nomenclatura dos métodos e processos didáticos, que se estadia em toda a sua misteriosa e complicada pujança: método intuitivo, método comparativo, adversativo, etimológico, racional, descritivo, observativo (introspectivo e extrospectivo), sinóptico, reprodutivo, e por aí afora . . .

Outro uso que não é menos condenável do que os precedentes, é, sem dúvida, o das distinções absolutamente sutis, inteiramente acadêmicas. Para um grande número de pedagogistas, tudo serve de pretexto para estabelecer divisões e sub-divisões que, longe de auxiliar o estudante a coordenar as suas idéias sobre o tema principal, só servem para derrotar o seu poder de retentiva, e lançam-no num verdadeiro labirinto grego em que ele acaba perdendo habitualmente tempo e paciência. Ora, este sistema é bastante pernicioso: transforma o ensino numa arte demasiadamente laboriosa, uma sorte de metafísica ou escolástica, boa sómente para extrair conceitos abstratos, para pescar quintessências pedagógicas; mais ainda, faz nascer a suposição, inteiramente falsa, de que, para ser um bom professor, seja necessário encaixar no cérebro um amontoado enorme de fórmulas e preceitos. Uma tal suposição é tão absurda como, por exemplo, a de pensar que, para se poder raciocinar, seja indispensável conhecer, a fundo, as regras do raciocínio dialético ou as célebres categorias de Kant.

No tocante a distinções, a única que me parece razoável e, até certo ponto indispensável, é a que se refere às expressões "método", "processo" e "forma" de ensino. Aliás, um pequeno exame das respectivas definições nos faz ver que elas são tomadas em diverso sentido pelos pedagogistas. Entende-se comumente por método pedagógico a um conjunto de princípios que orientam a marcha do ensino e lhe determinam um fim; quanto ao processo, este não passa da escola dos meios que reputamos necessários para tornar acessíveis determinadas verdades; a forma, por sua vez, não é

outra coisa sinão a condição material e exterior sob a qual o ensino é ministrado e distribuído. Um exemplo prático poderá mostrar ainda melhor o que estas noções têm de comum e particular, respectivamente.

Suponhamos um caso, um dos mais simples: um professor explica o artifício da divisão a um grupo de alunos (forma de ensino simultâneo), no quadro negro (processo formalista), procurando fazer com que eles próprios deduzam a regra pela resolução de pequenos problemas da vida real (método indutivo). Vê-se, por conseguinte, que a concepção de método pedagógico difere um tanto da de processo. Enquanto este se preocupa com os meios de tornar compreensíveis e perceptíveis certas e determinadas noções, aquele cogita mais da ordem e sucessão que devem reinar entre os diversos conceitos. Identicamente, a noção de método não é idêntica à forma didática. E, de fato, o problema do método é um problema de ordem subjetiva, interior; o problema da forma é de natureza exterior, material, de simples organização coletiva.

Sem querer contradizer o que ficou exposto linhas atrás, no caso em que uma classificação geral dos métodos se tornasse absolutamente indispensável, eis a que nos parece mais viável:

1 — *Formas de ensino* — Formas de ensino individual, simultâneo (ou coletivo) e mutuo;

2 — *Métodos de ensino* — Método de ensino indutivo, dedutivo e comparativo;

3 — *Processos de ensino* — Processo de ensino conceptualista, formalista e pragmatista.

É relativamente fácil de verificar que o esquema acima é suficientemente elástico e suficientemente sintético, a ponto de abranger todas as formas e métodos didáticos possíveis e imagináveis. Mas, na hipótese que o fato de não figurar nesse catálogo o famoso método intuitivo e nem tão pouco o ativo, pudesse causar estranheza a alguém, limitarme-ei a obtemperar que um e outro se acham implícitos sob a rubrica de processos conceptualista e pragmatista. Como

é obvio, em tese todos os métodos são ativos, visto que pensamento, palavra e ação manual são todas, igualmente, formas de atividade. Além disso, quem diz processo conceptualista diz processo intuitivo porque, a não ser em raros casos de sugestão e telepatia, a transmissão directa dos conceitos só é possível mediante a observação directa dos seres e coisas da natureza, pela intuição, portanto. Identicamente, processo ativo e processo pragmatista são sinónimos, pois ambos os casos pressupõem ação mecânica e realização concreta.

Em geral, os pedagogistas não costumam ser mais felizes quando se trata de explicar o uso e funcionamento dos diversos processos ou métodos. Sob a epígrafe de "conselhos práticos", consignam u'a massa enorme de impressões que, segundo eles, deveriam servir de vademecum para os que se dispõem a entrar no caminho das experiências e das realizações. Em noventa e nove casos sobre cem, tudo não passa de meras receitas, chapas, mais ou menos batidas e mais ou menos usadas, mas que, trazendo um certo sabor de novidade, podem ainda iludir quem não se acha suficientemente familiarizado com esses truques inocentes. Assim, ao invés de indicações seguras e precisas, capazes de orientar efetivamente o praticante, propina-se uma série de notas apressadas e saltuárias, sugeridas, quasi sempre, por observações incompletas ou mal feitas, quando não são a resultante de simples opiniões, de hábitos rotineiros ou do mais grosseiro empirismo.

Ora, semelhante critério é absolutamente condenável, visto que não se coaduna com as normas geralmente adotadas em matéria de investigação científica. Mais ainda, um tal fato parece denunciar, em muitos, uma convicção inteiramente gratuita, a saber, que a disciplina pedagógica se encontra ainda na sua fase de desenvolvimento empirico ou aforístico. Felizmente, não só a ciência educacional ultrapassou, de há muito, os períodos empirico e aforístico, mas se encontra, atualmente, em plena fase de organização lógica e conceptual, quer dizer, reúne as suas premissas num corpo de noções rigorosamente hierarquizado, numa palavra,

formula a sua síntese fundamental. Creio que, depois do que ficou dito em meu capítulo "Metodologia ou Pedagogia?", posso dispensar-me o trabalho de reeditar aqui os argumentos em que baseio esta última afirmativa. Entretanto, não será fora de propósito condensar o que diz, a este respeito, o sr. S. de Dominicis, ilustre professor da Universidade de Pavia, nas suas "Linee Generali della pedagogia": "Três são as fases de evolução numa ciência qualquer: a primeira se caracteriza por um critério genuinamente empírico, sendo que as noções se encontram ainda como que esvaziadas a necessidades que lhes deu origem; a segunda fase é a da organização parcial, em que os ensinamentos são transmitidos em forma de preceitos ou aforismos; a terceira e última é a fase de organização lógica e ideal, fase essa em que tudo se cristaliza num todo harmônico, compacto".

Muito mais eficiente, sob o ponto de vista da vulgarização de conhecimentos técnicos e profissionais, seria, por exemplo, a exposição, exata e conscienciosa, das leis gerais do método educativo. Assim como os grandes fenômenos da vida cósmica e orgânica sómente se tornam suficientemente claros e compreensíveis quando se consideram as leis especiais de que promanam, do mesmo modo os fatos essenciais do processo educativo não podem ser satisfatoriamente explicados sem o exame escrupuloso dos princípios em que se baseiam. A síntese, unicamente a síntese é que pode, em definitivo, estancar a sede inextinguível do nosso espírito, na sua busca afanosa da realidade, a realidade que existe dentro e fora de nós, o enigma final do universo e da vida! E aqui é preciso notar que, em relação às leis do método pedagógico, estas não se acham formuladas exclusivamente no tocante ao método em geral, mas igualmente no tocante aos métodos especiais, como o indutivo e o dedutivo, que ocorrem, a cada momento, na prática do ensino, isto graças ao esforço conjugado de sucessivas gerações de sábios e investigadores.

Eis as leis gerais do método pedagógico, conforme elas foram magistralmente enunciadas por Alexandre Bain, em sua notável obra "Ciência da Educação":

- 1 — Ir do conhecido ao desconhecido;
- 2 — Ir do concreto ao abstrato;
- 3 — Ir do definido ao indefinido;
- 4 — Ir do simples ao composto;
- 5 — Ir do fácil ao difícil;
- 6 — Ir do sensível ao inteligível;
- 7 — Ir do real ao ideal.

As leis do método indutivo, como é notório, foram metodosamente estudadas e codificadas por Herbart e pelos discípulos da sua escola. Segundo Rein (Bosquejo de Pedagogia), estas se enunciam do seguinte modo: preparação, exposição, enlace, unificação e aplicação; o ultra-moderno Thorndike, em "The Principles of Teaching", contenta-se em fazer levíssimos retoques aos famosos *graus formais*. Prefere denominá-los:

- 1 — Preparation;
- 2 — Presentation;
- 3 — Comparison and abstraction;
- 4 — Generalisation;
- 5 — application.

Quanto às leis do método dedutivo, eis como são universalmente concebidas: determinação, manutenção, diferenciação. Assim, no caso em que nos propuzemos transmitir a noção de ângulo por este método, começaríamos enunciando a sua definição (determinação), continuaríamos fazendo considerar uma série de exemplos em que a definição se aplicasse perfeitamente (manutenção), terminaríamos fazendo classificar os diversos tipos de ângulos estudados: curvilíneos, retilíneos, agudos, obtusos e retos (diferenciação).

Ainda não se esgotou, entretanto, a série de reparos que se podem e devem fazer em relação ao modo como é tratada habitualmente a questão do método nos manuais e compêndios de ensino; mas, visto que encetamos este exame, pouco agradável, na verdade, é justo que não o larguemos a meio caminho, e é justo, também, que esvasiemos, em sentido diametralmente oposto, esta nova boceta de Pandora. Eu acho

por exemplo, curiosa, muito curiosa mesmo, a praxe de se inscrever neste ponto um autêntico panegírico, em que se analisam todas as vantagens, reais e imaginárias, dos métodos de ensino. E qualquer pedagogista que se respeita, achará do seu dever alinhar um grande número de lugares comuns, uma série considerável de citações eruditas, em francês, alemão, inglês, latim e, possivelmente, em sanscrito e esperanto. As suas afirmativas sómente se hão de tornar irrefragáveis se lograr fazê-las concordar com o que Madame Necker de Saussure, Blackie, ou o falecido senador Buisson, tiverem consignado na passagem esquecida dalgum livro ou revista, há um lustro, um decênio, meio século, não importa quando. Pensando bem, não há como censurar um cidadão que leve a habilidade de colocar-se em tão boa companhia, mas...

Mas, se não me engano, haveria uma porção de cousas boas, agradáveis até, que se poderiam repetir sem, contudo, incorrer na pecha de autêntico rato de biblioteca. E a êste respeito eu tenho uma teoria muito pessoal: divido toda a numerosa confraria dos escritores em três categorias, a dos escritores "aranhas", a dos escritores "formigas" e a dos escritores "abelhas". Não é difícil de constatar que os primeiros tiram tudo do seu próprio fundo e, criadores por excelência, não se rebaixam a reproduzir o pensamento alheio; os da segundo família são verdadeiros parasitas das letras e, com a menor sem-cerimônia, se apropriam de tudo: idéias, planos e até expressões; quanto aos últimos, sabem guardar uma justa medida e sabem ser imitadores sem se converter em sórdidos plagiários, isto é, são as "abelhas". Acho que todo indivíduo inteligente deve imitar, neste ponto, as boas e pacíficas obreiras dos cortiços rumorejantes, em que os despojos de mil flores se transformam em mel dourado e saboroso.

Conforme já disse, há muitas coisas excelentes que se podem aduzir em abono do método, sem recorrer aos velhos e batidos lugares comuns. Não seria mau, por exemplo, que se illustrassem as relações, muito íntimas, do método com o pensamento, e bem assim, com os interesses adquiridos neste ou naquele ramo de atividade. Poder-se-ia, também, mos-

trar o papel do método no progresso geral das ciências e das artes, bem como no seio da própria pedagogia.

Como é óbvio, a explicação das relações do método com o progresso das ciências, das artes e da própria pedagogia, pertence mais diretamente à história das ciências, das artes e da pedagogia. E convém não esquecer que as maiores e mais completas revoluções, de que falam os anais humanos, foram revoluções pouco mais do que incruentas: realizaram-se quasi que exclusivamente no campo das idéias. Mas, nem por isso, Bacon, Galileu, Descartes, Rousseau, descobrindo e fazendo aceitar novos métodos de investigação e trabalho, deixaram de produzir mudanças benéficas e estáveis, infinitamente mais benéficas e infinitamente mais estáveis, do que as de muitos iconoclastas e demolidores, que puzeram a saque países florescentes, e sacrificaram milhares de vidas no altar das suas funestas ideologias. As grandes crises sociais e econômicas, ao invés de serem a causa, são antes a consequência de outras crises maiores: as crises morais e espirituais que, de tempos em tempos, perturbam e obnublam a consciência dos povos. "Mens agitat molem", adverte o suave cantor das "Géorgicas".

Por sua vez, o estudo das relações de método com o pensamento é um capítulo, dos mais interessantes, de psicologia aplicada. Este assunto tem tentado as penas dos mais distintos publicistas da nossa época; mas, que eu saiba, ninguém se occupou dele tão exclusivamente como John Dewey em seu magistral trabalho "Democracy and Education". Aliás, não é possível pôr em dúvida, nem por sombras, a enorme influência que exerce o método na formação de bons hábitos de pensamento.

E não é só. Podemos afirmar com o illustre autor de "Democracy and Education", que, em relação ao método "aquilo que mais importa saber é que o pensamento é método, método de uma experiência inteligente na qual êle participa plenamente". E nunca, nunca se repetirá suficientemente esta verdade luminosa, a saber, que o caminho mais seguro para garantir um melhoramento ininterrupto dos

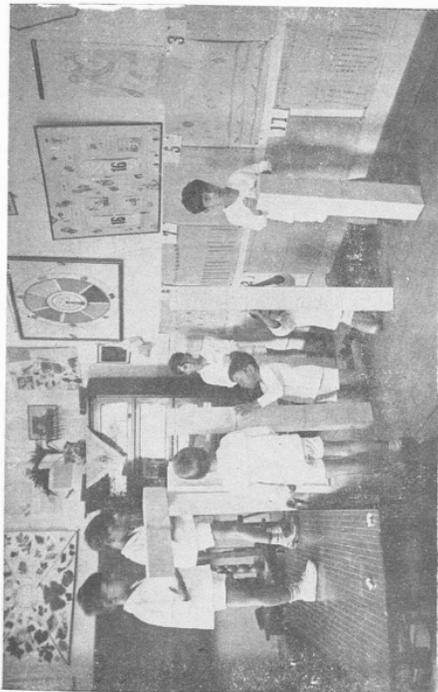
métodos de ensino — é não perder de vista, nunca, as condições que podem determinar, estimular e disciplinar o hábito de pensar corretamente. Na verdade, toda informação que não tem a sua contra-partida no processo correspondente de pensamento, é, para todos os efeitos, uma informação morta. Comporta-se invariavelmente como uma espécie de corpo estranho que se houvesse introduzido, mais ou menos violentamente, no complexo de nosso sistema conceptual; e aí ficaria por tempo indeterminado, atravancando a nossa consciência, se não sobreviesse, logo, como um banho lustral, a vaga providencial de esquecimento. Dêste modo, a natureza que é mãe provida e benfazeja, restitue ao nosso espírito a sua primitiva frescura e originalidade.

De outro lado, seria perfeitamente ilógico, absurdo, querer traçar uma nítida linha de demarcação, indicando o ponto exato onde a ação começa e o pensamento acaba. Um e outro se confundem, de um modo tão completo, como, por exemplo, as diversas cores na gama do espectro. Efetivamente, nenhum pensamento, verdadeiramente forte e original, nos deixa tal qual nos encontrou, isto é, sem produzir em nós alguma mudança, seja para o bem, seja para o mal. "O ponto de partida — diz ainda Dewey — de um processo pensante é justamente algo que se encontra em vias de realização, e que, permanecendo tal como se acha, é incompleto e inacabado".

O fracionamento da instrução num complexo de finalidades diversas, adquirir habilidades (leitura, escrita, cálculo, desenho, etc.), adquirir informações úteis acerca da vida e do universo que nos rodeia, adquirir a faculdade de dirigir e controlar o jogo das nossas operações mentais, tudo isso fornece um índice seguro do grau de eficiência de um sistema qualquer em fazer com que nos habituemos a pensar metódicamente. Só assim poderemos, em certo sentido, parafrasear o célebre aforismo de Descartes: "Cogito, ergo sum !"

Mas, além das diversas lacunas que acabo de assinalar em relação ao emprêgo dos métodos de ensino, parece-me

ATIVIDADES EDUCATIVAS EM MINAS-GERAIS



Escola Infantil "p-fim Mourira" — B do Horizonte — "Projeto" de uma loja; fazendo os balões e as prateleiras

que existe ainda esta, não menos sensível do que as precedentes. Ei-la: não se mostra, com suficiente clareza, a espécie de conflito que, fatalmente, se estabelece entre o chamado método lógico e o método psicológico. É muito natural que se pergunte em que consiste, ao certo, o conflito em questão. Eis uma cousa que procurarei explicar do melhor modo que me fôr possível, satisfazendo, dêste modo, o postulado inicial da presente discussão.

Porém, antes de tudo, será preciso determinar o que vem a ser, pròpriamente, método lógico. Considera-se comumente como método ou ordem lógica a hierarquização natural de um ou mais assuntos, obedecendo a um critério estritamente objetivo, quer dizer, segundo a verdadeira dependência que entre êles existir.

O caráter principal de uma exposição *lógica* é que apareça, nitidamente, a relação de causa a efeito, de antecedente a consequente, de premissas a consequências. Como se vê, não é um método de investigação, de descoberta; é um método de revisão e reconstrução. De acôrdo com êste método, um naturalista, com o auxílio de um simples fêmur, ou alguns espécimens vegetais, poderá chegar a reconstruir um inteiro monstro anti-diluviano, ou todo um habitat pre-histórico; um filósofo estará em condições de refazer todo o sistema conceptual de um pensador desaparecido pelo simples exame de algumas das noções que lhe eram favoritas, a idéia de Deus, da alma ou da imortalidade.

Não é difícil perceber que, pelo método lógico, as diversas ordens de fatos se agrupam e organizam, não em relação ao sujeito, que observa e analisa, mas em relação à própria natureza do objeto, de modo a formarem um conjunto perfeitamente homogêneo e completo. É preciso que tudo decorra normalmente, sem saltos bruscos, sem a menor descontinuidade. E esta é, também, a forma habitual sob que se apresentam as noções das várias disciplinas filosóficas ou científicas: seguem a ordem estritamente analítica. Nas nossas concepções do mundo material, procedemos com a mesma simplicidade: das formas, das côres, dos objetos

elementares passamos às combinações binárias, ternárias e a outras mais complicadas dos mesmos elementos.

O mesmo sucede com as artes mecânicas: passamos das peças constituintes para a consideração de todo o conjunto. Do mesmo modo o anatomista que quer descrever o corpo humano começa pela estrutura óssea, para passar depois aos músculos, às vísceras, etc." (Bain, Sc. da Ed. página 191).

A velha escola é partidária irrestrita do método lógico. Este é adotado igualmente em certos estabelecimentos congreganistas, onde ainda se conserva em alta estima o chamado ensino "livresco". Nessas casas de instrução a verdadeira bússola do professor é o índice que se encontra no fim do manual ou livro-texto; e, honra lhe seja feita, ele segue com absoluta docilidade esse autêntico fio de Ariana que, no fim do ano letivo, lhe permitirá matar o Minotauro da fábula: o exame.

Herbert Spencer, em sua curiosa e famosa *enquête* acérea do conhecimento mais desejável, manifesta-se francamente em favor do ensino científico; mas, infelizmente, toda a sua argumentação parece admitir, implicitamente, que a ciência possa ser transmitida na forma altamente elaborada que lhe imprime a mentalidade adulta.

A geografia, por exemplo, ensinada logicamente, mostrará ao aluno, em primeiro lugar, que a terra é uma esfera, com duas leves depressões, encina e embaixo, que se compõe de oceanos e continentes, que os continentes se dividem e subdividem em tais e tais países, e assim sucessivamente, até chegar à cidade ou aldeia em que reside o educando.

O método ou ordem psicológica segue um caminho totalmente inverso: ao invés de coordenar as noções em relação à própria natureza dos fatores, coordena-as em relação à natureza do observador, isto é, em relação àquele que deve adquirir e assimilar as referidas noções.

O método lógico, por conseguinte, tem o sentido da extensão dos conhecimentos, tal como a abarca a intelligen-

cia do iniciado ou do especialista; o método psicológico, por seu turno, tem o sentido da *sucessão*, quer dizer, o ritmo com que esses mesmos conhecimentos se apresentam ao espírito do investigador. E é, talvez, uma das razões por que a este último dá-se, às vezes, a denominação de método cronológico. — A influência do método psicológico se faz sentir, a cada momento, na marcha geral do ensino.

Assim, contrariamente ao que aconselharia o critério lógico, preferimos intensificar, nos primeiros anos da escolaridade, principalmente a cultura da linguagem, da história, de geografia, etc., matérias essas que exigem memória e imaginação, sobretudo; deixa-se para mais tarde o estudo das cousas que demandam mais vigor de raciocínio, como as ciências físicas e naturais, a gramática, a mecânica, etc.

As lições de cousas foram organizadas justamente para exercitar as faculdades de observação da criança, sem, contudo, exigir dela complicadas operações de análise e abstração, operações essas que, dada a sua pouca idade, não está em condições de realizar. Mas, se o influxo do método psicológico é preponderante no ensino em geral, não o é menos no ensino particular de cada matéria. Assim, retomando o exemplo do ensino geográfico, o mestre não começará pela geografia cósmica, mas sim pela geografia local, regional.

O seu ponto de partida não será uma abstração, esfera ou globo, mas a experiência real do aluno em matéria de acidentes geográficos.

A geografia ensinada psicologicamente, e não lógica ou livrescamente, começará pelo estudo do lugar em que se acha localizada a casa ou escola e, ampliando gradualmente o círculo de observações infantis, por meios de comparações e associações sucessivas, chegará ao conhecimento das diversas partes do nosso habitat terrestre.

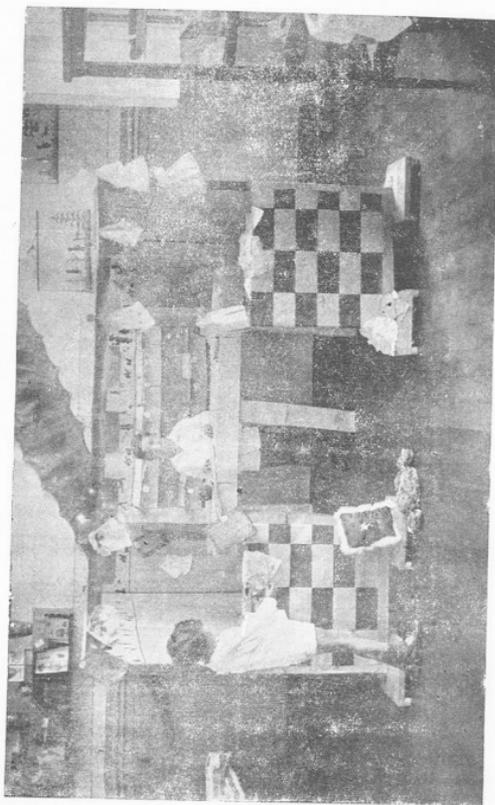
Ora, se tivéssemos a certeza que a personalidade humana, ao nascer, possuísse as mesmas características que chegará a ter quando atingir os vinte anos — não poderia haver hesitação possível: o único método que seguiríamos seria o método lógico, e a ordem dos estudos seria a analiti-

ca. Infelizmente tal não acontece. A criança, longe de ser um homem em miniatura, isto é, um tipo perfeito e acabado, é um tipo em formação, uma individualidade *in fieri*. Esta é uma verdade muito banal; por isso mesmo, na prática, a esquecemos freqüentemente.

Não há ninguém que não tenha acompanhado, com maior ou menor atenção, as sucessivas mudanças que se operam num organismo de criança no pequeno giro de alguns anos de existência. Primeiramente, é o fenômeno de crescimento físico, crescimento esse que apresenta uma relação, mais ou menos constante, entre o coeficiente de altura, peso e circunferência torácica. Segundo H. Mery (Precis d'Hygiène Scolaire), aos sete anos, essa relação é a seguinte: altura, 113,3; peso 19,8; perímetro torácico, 26,5. Essas dimensões, ao atingir os dezesseis anos, serão, respectivamente, de 158,5-51,55-34,2. Ora, si êste crescimento infantil é notável em relação ao corpo em geral, não o é menos no tocante ao desenvolvimento do cérebro. O cérebro se desenvolve com extraordinária rapidez até aos sete anos, época esta em que atinge o peso médio de 1.134 gramas; dos sete aos quatorze o crescimento é muito mais lento, orçando mais ou menos em 1.275 gramas; o cérebro continua a crescer, ainda que menos rapidamente, até os vinte anos, idade essa em que se acha no seu peso normal.

As modificações de ordem moral e psíquica, que experimenta a criatura humana nos primeiros anos da existência, são igualmente notáveis e igualmente surpreendentes. O conteúdo ideológico do indivíduo se altera profundamente, tanto no sentido da qualidade como no da quantidade; o crescimento mental acompanha *pari passu* o desenvolvimento orgânico e psíquico: o espírito é solidário com a matéria, nos casos normais, bem entendido. E assim se organiza, pouco a pouco, o nosso mundo subjetivo, o mundo da consciência e do pensamento, que, ao influxo de uma vontade oculta e poderosa, parece emergir lentamente, do caos da vida instintiva e vegetativa dos primeiros dias, para brilhar súbitamente, ao resplendor desse grande "fiat" interior, a idéia

ATIVIDADES EDUCATIVAS EM MINAS-GERAIS



Escola infantil "Delfim Moreira" — Belo-Horizonte — "Projeto" de uma loja; o primeiro frigate

do "eu". A maré da vida espiritual se eleva continuamente dentro de nós, adquirindo a plenitude das suas funções de natureza geral, como o interesse e a atenção, as funções de natureza especial, como a observação, a memória, a imaginação, a linguagem, a atividade voluntária.

As primeiras manifestações de atividade psíquica no indivíduo se verificam pela ação de dois poderosos estimulantes: o interesse e a atenção. Quanto aos interesses, como é sabido, estes se transformam continuamente, seguindo uma curva de evolução mais ou menos conhecida: interesse sensorial, interesse subjetivo, interesse objetivo, interesse especializado, interesse lógico. O primeiro trabalho mental da criança consiste em construir aquilo que Taine denomina "album sensorial"; coordena as extensões visuais, tácteis, motoras e acústicas. A seguir, sobrevem a fase de interesse subjetivo, fase essa que se caracteriza pela reunião dos elementos indispensáveis às primeiras criações intelectuais, à linguagem e à síntese das imagens (Vaissière, Psych. Ped., pag. 204); é precisamente nesta fase que se realiza o grande acontecimento interior, a descoberta de nós mesmos, pelo sentimento, cada vez mais nítido, da existência do próprio "eu".

Dos 7 aos 12 anos a vida psíquica se afina e se complica; o interesse da criança tende à ação que influe sobre a realidade exterior: "The hand is never so near the brain", observa judiciosamente S. Hall. Os interesses da adolescência e da juventude têm sido descrito por grande número de eminentes psicólogos, mas nenhum logrou formar um quadro tão extraordinariamente sintético como o grande estagirista, Aristoteles: "A mocidade tem como caráter distintivo o estar repleta de desejos e ela é capaz de realizar tudo o que vier a desejar"... Conjuntamente com o interesse se desenvolve o poder de atenção; e este difere daquele simplesmente nisto: que se o interesse (tendência puramente natural e espontânea) é a razão intrínseca para que uma atividade psíquica se exerça, a atenção é a razão em virtude

da qual se manifesta esta mesma atividade, de preferência a qualquer outra.

Primeiramente aparece a atenção primitiva, mais ou menos no 5.º mês de existência, atenção vagarosa, zigzagante, radicalmente monoteísta, tendo sempre como alvo um só objeto; a partir do 16.º mês começa a desenvolver-se a atenção aperceptiva, estreando-se primeiramente nos diversos jogos infantis e, sucessivamente, afirmando-se no desenho e nas primeiras interpretações de cousas e objetos familiares. A atenção aumenta incessantemente, dos seis anos em diante.

Segundo experiências repetidas, enquanto a criança, num campo de atenção, só consegue distinguir 2 ou 3 pontos colocados um no lado do outro, o adolescente pode notar, sem grande esforço, 4 e 5 pontos, nas mesmas condições.

Manifestam-se, igualmente, as funções de observação, de memória, de imaginação criadora, de linguagem, de sentimento estético, etc.

Mediante a função de observação a criança se encontra apta a reconhecer a situação que lhe cái sob a ação dos sentidos, a identificar os diversos objetos ou pessoas que fazem parte do seu conjunto; pela memória ela fixa, reproduz e associa as diversas impressões que a sensação depositou no campo da sua consciência, mais ou menos distintamente; a imaginação criadora lhe permite evocar, à vontade, imagens de objetos ou seres, distantes ou simplesmente irreais, põem-lhe a existência de sonhos e visões cor de rosa; o pensamento lógico lhe faculta o meio de extrair um sentido explicativo da realidade que o envolve por todos os lados, e da amálgama confusa das suas sensações e percepções se libertarão os conceitos e abstrações que, por sua vez, constituem a matéria prima do raciocínio; o desenvolvimento da linguagem se relaciona intimamente com a evolução do pensamento lógico; não é possível pensar a não ser por meio de palavras. A palavra não é apenas a manifestação indispensável da nossa atividade pensante; é, identicamente, o seu melhor instrumento, instrumento esse que nos permite levar as nossas operações de análise a um grau

de precisão e extensão verdadeiramente incriveis. O uso da palavra desenvolve os primeiros rudimentos da arte, quer dizer, do sentimento estético. Ora, a totalização de todas estas aquisições forma aquilo que comumente, chamamos de inteligência, a qual reside tanto nos meios de expressão como nas condições em que funciona. E, somente depois que este processo de maturação interna se desenvolveu plenamente, é que se manifesta a verdadeira personalidade do indivíduo, equipada com todos os seus principais atributos, atributos esses que hão de escoltá-la através da existência; entram em jogo, então, o seu senso moral, o senso religioso, indestrutível, em que pese à escola materialista, o senso da responsabilidade e, sobretudo, o senso da atividade voluntária e a necessidade de orientá-la para um fim útil, de acordo com os ideais e móveis de ação que a família e a sociedade soberam edificar sobre o residuo, mais ou menos invariável, das suas tendências e desvios ancestrais.

Sendo estas, por conseguinte, as características do método lógico e do psicológico, respectivamente, um, baseado na natureza mais ou menos estática, rígida e ossificada, do objeto cognoscível, o outro, baseado na natureza dinâmica, plástica e ondeante do sujeito do conhecimento, origina-se, é claro, um irremediável conflito, quando se trata de colocar o primeiro em presença do segundo, o que sucede habitualmente na prática do ensino. E aqui o educador é convidado, se quizer ter bom êxito no seu trabalho, a remediar o mais possível as consequências de um tal atrito. Logrará invariavelmente realizar o seu intento se tiver um pouco de prudência e, também, um pouco de experiência.

O mestre será verdadeiramente prudente se, como preconiza Rousseau no seu *Emílio*, "souber perder tempo". Mais ainda, acho que não é somente a prudência, mas o mais elementar bom senso, que aconselham, exigem, o retardamento de certos estudos, numa época em que o espírito não se encontra suficientemente aberto a certas ideias e que, por falta de hábito, é totalmente incapaz de prestar atenção, muito demorada, a determinada categoria de assuntos. Prender obrigar a criança, em nome do critério lógico ou

outro qualquer, a um trabalho que se acha além das suas próprias forças, é desperdiçar estupidamente, as energias nascentes do seu organismo, prejudicando-lhe, quiçá irremediavelmente, o seu desenvolvimento e resistência física. O ideal, a este respeito, seria fazer coincidir, em tudo e por tudo, a marcha dos diversos estudos com o aparecimento gradual dos vários interesses infantis. Assim, somente assim, a atividade mais ou menos imposta da escola, seria um prolongamento natural da atividade espiritual, mais ou menos livre e espontânea da criança. O rendimento do processo educativo ficaria, deste modo, como que centuplicada, visto que saberia aproveitar com usura, o momento em que a inteligência possui o seu máximo de plasticidade e vibração: "Quando os ouvidos do discípulo estão preparados, vem o mestre para enchê-los de sabedoria", diziam os antigos iniciados egípcios, há milhares de anos.

Disse que o professor necessita possuir também, um pouco de experiência e, de fato, assim é. Esta experiência lhe sugerirá o melhor modo de conciliar o método pedagógico propriamente dito, com as exigências dos métodos lógico e psicológico. Terá que manobrar, sabiamente, entre estes dois escolhos, afim de não perder o rumo e naufragar lamentavelmente, o que acontece, quasi sempre, quando o docente é excessivamente especializado. Para ser bem sucedido, no ensino, elementar, médio ou superior, não basta conhecer a matéria; é preciso, sobretudo, conhecer o aluno e os meios de impressionar a sua inteligência e o seu coração.

A conclusão, que se tira, de tudo quanto se considerou no correr deste estudo, é que a noção global do método é bem mais complexa do que dão a entender a maioria dos manuais. O conhecimento global desta matéria requer, além do exame da variedade, das leis e relações do método, exame esse que é sempre feito imperfeitamente, além disso tudo, digo, requer também que se tomem na devida conta as exigências do método lógico e psicológico, cuja colisão e atrito o mestre deve remediar, da melhor forma possível, se quiser alcançar algum êxito no seu trabalho.

O educador não deverá esquecer, nunca, que o seu método, o método pedagógico propriamente dito, embora participando da natureza dos dois outros, possui, contudo, a sua fisionomia e individualidade: aparece, quasi sempre, como uma feliz conciliação do primeiro com o segundo, mas não é nem o primeiro nem o segundo, sendo, por conseguinte, insubstituível. Sempre que se formula um método de ensino, novo ou renovado, é preciso ter em vista principalmente os fatores que determinam este último.

Os fatores que determinam o método, como todo o mundo sabe, são os fins imediatos e posteriores da educação, as necessidades do meio social, a natureza própria da criança. Não é possível duvidar que os fins educativos que temos em vista, não somente nos sugerem as matérias e materiais que se hão de empregar, mas nos indicam, mais ou menos claramente, os meios mais convenientes para apresentá-los à consideração do educando, e provocar nêle as respostas e atitudes que julgarmos mais coerentes com o nosso ideal de perfectibilidade, ideal esse que nos propomos realizar. E, quer o nosso propósito seja obter um disciplinamento contínuo das faculdades intelectuais do aluno, quer seja prepará-lo utilmente para as lutas e responsabilidades da vida, quer seja simplesmente auxiliá-lo a vencer as dificuldades de um exame, em qualquer uma dessas hipóteses o nosso método não será perfeitamente o mesmo, terá forçosamente que variar.

As necessidades do meio social em que vivemos constituem o outro grande fator do método educativo. Com efeito, este último tem que ser continuamente modificado e reajustado, de acôrdo com as condições de existência do agregado, de acôrdo com o seu grau de evolução histórica e racial. E, estas condições e este grau de evolução são extremamente variáveis, segundo as latitudes e segundo as ocasiões: ora pode haver mais necessidade de trabalhadores ou soldados; ora se necessitam mais homens de iniciativa e de pensamento; ora se catam, como agulha em palheiro, cidadãos livres e conscientes, que saibam tomar o seu quinhão de responsabilidade nos negócios públicos; ora finalmente

só se desejam automatós dóceis, instrumentos, mais ou menos cegos, nas mãos dos seus autocratas, hereditários ou não.

O outro grande fator é, inegavelmente, a natureza especial da criança, que tem as suas leis, também especiais. Estas leis têm sido formuladas de diversos modos, mas em substância são as leis da resposta múltipla, do efeito, do exercício, da analogia, do estado mental (Frasier, *Introduction to Education*, 121).

Exorbitaria se quizesse explicar, em seus pormenores, o que vem a ser as referidas leis. Porém, antes de terminar, dejeo dar aos principiantes um conselho que lhes poupará muitas desilusões e não poucas fadigas: nas questões do método em particular, como em geral em todas as questões de ensino, evitem, evitem sistematicamente o *apriorismo*; procurem apoiar as suas induções em dados certos e em fatos, ou observados ou observáveis: assim nunca tomarão a nuvem por Juno; finalmente, não se deixem seduzir pela novidade destas ou daquelas teorias, e antes de dar-lhes a sua adesão —esperem o veredictum irretorquível e inapelável da experiência própria, — experimentando-as.

LUIZ DEROMA

#### PALAVRAS DE MESTRES

*Como a moralidade reside única e exclusivamente na própria vontade, determinada por uma reta inteligência, é evidente, antes de tudo, que a educação moral não deve cuidar do aspecto exterior das ações, devendo, antes, desenvolver na alma da criança essa inteligência, juntamente com a vontade a ela acomodada.*

J. F. HERRBART

## Estudo em torno das emoções

Natr STARLING

### I O MEDO

Segundo Sampaio Doria os sentimentos são os estados afetivos mais importantes, sendo poderosa a influência que exercem na vida humana. Em alguns, ela é decisiva: os indivíduos tornam-se escravos de seus sentimentos, de quasi nada valendo o poder da sua própria razão. Não há, em toda a natureza, entre as suas forças conhecidas, nenhuma cujo poder iguale ao poder absorvente dos sentimentos. Daí, o grande interesse em conhecer as suas causas, os seus efeitos, os meios de abrandá-los ou intensificá-los, para senheará-los.

Sampaio Doria divide ainda os sentimentos em: *fortes, fracos e intermediários*, quando à intensidade.

Exemplo de *fortes*: o desejo, o ódio, o orgulho, o medo, o prazer, a religião, etc.

Exemplos de *fracos*: os estéticos, os intelectuais e os morais. São sentimentos suaves, sem exuberâncias.

Exemplo de *intermediários*: a esperança, a saudade, a admiração, a curiosidade, o bom humor, etc.

Entre os sentimentos fortes encontramos o *medo*, que, segundo B. Perez, aparece nas primeiras semanas da vida. Sendo a criança instintivamente sensível a essa reação, é indispensável ao educador e, sobretudo, aos pais, conhecer esse sentimento, para promover meios de educação que formem na criança uma personalidade viril: que pense, que não se avassale timidamente aos planos alheios.

Que é *medo*?

Diz Paul Bernard que o medo é a forma defensiva do instinto de conservação. Há o medo natural, instintivo, anterior à experiência e o medo artificial, posterior à experiên-

cia, causado pela representação viva e persistente de um mal ou de uma dor.

Convém ao educador ter sempre em mente que a imaginação é a grande obreira do medo e do pavor. Ela aumenta pequenos objetos, faz aparecer o que nunca existiu, permanecer o que já passou. Povoa tudo de perigos e inimigos. Cega, absorve, amesquinha, acovarda. A imaginação se enfraquece, em geral, na idade adulta, graças ao hábito da reflexão. Só a reflexão, só o raciocínio, só a ciência pode controlá-la, explicando racionalmente as ilusões misteriosas.

Está aí um ponto difícil ao educador — a criança sabe pouco, raciocina pouco e se abandona às figuras de sua imaginação.

Nunca será cedo ou tarde, diz ainda Paul Bernard, para se fazer apêlo à razão da criança, para mostrar-lhe e demonstrar-lhe que seus temores são infundados e que o perigo diante do qual ela se amedrontou não é sinão uma criação de sua fantasia.

Para a cura do medo os grandes mestres aconselham prudência. Não obrigar a criança a suportá-lo, nem aumentá-lo, pelo contrário. Deve-se apelar para seu raciocínio, esclarecer-lhe sobre o ponto de seu medo. Explicar-lhe os fenômenos naturais, evitando a superstição. Não lhe dar exemplo de medo. Fortificar sua coragem pelo sangue frio e energia. Evitar histórias que povõem sua imaginação de monstros e fanteoches. Certas amas amedrontaram, às vezes, as crianças a ponto de torná-las agitadas no sono.

Diz A. Mathieu, que quasi todas as crianças são medrosas e tanto mais quanto são fracas e débeis. O instinto de conservação é muito desenvolvido nelas; sua observação não é muito precisa, nem rica, nem seu julgamento exercitado para apreciar verdadeiramente as coisas. Um ruído, uma forma desconhecida, a noite, a sombra, as apavoram. Elas aprendem, assim, a sofrer.

É evidente a perturbação orgânica causada pelo medo: o coração bate precipitadamente, a pele empalidece, há al-

teração no movimento respiratório, tremura no corpo e lábios — secura da bôca — modificação na voz, pupilas dilatadas, etc. A pessoa amedrontada encolhe-se, por vezes, no leito, cobre a cabeça com a coberta, coloca o braço sobre o peito e os joelhos no ventre, torna-se uma bola. Por instinto se faz o menor possível para apresentar-se menor ao inimigo que teme, comenta Robin.

O espírito sofre igualmente.

O medo produz assim uma depressão — física, intelectual e moral. A timidez é também um efeito do medo. A timidez é um estado complexo de vergonha e medo que se produz em presença do ser humano.

O medo é uma doença.

Todo o ser vivo é — mais ou menos — sujeito ao medo. Ele se impõe como toda fraqueza, se combate como todos os vícios.

O educador e os pais precisam fazer a criança envergonhar-se de ter medo, repetindo-lhe sempre: "Um outro que não você poderia amedrontar-se, mas você, você é um bravo!"

A coragem encontra sua força quasi sempre no orgulho, na dignidade pessoal.

Robin escreve: — Algumas crianças se adaptam ao meio e triunfam, outras sentem-se incapazes e guardam toda a vida um estado de timidez e de apreensão que lhes dão a ilusão de uma economia de força, mas não é sinão medo.

Para Freud, a aflição que provém do medo, não é sinão um sentimento da própria fraqueza.

Muitos atribuem ao medo impulsões salvadoras, encontram nele não o sentimento que avilta, mas creem-no o autor do estímulo — agem assim, na vida, sempre por medo — de castigo, de perder prêmios e posições, de consequências peiores, etc. Fazem do medo um meio de educação sem calcular os prejuízos que disso podem resultar.

Diz, com firmeza, Faria de Vasconcelos: — A experiência dolorosa que a criança faz ao contacto da vida ocasiona e determina os seus medos. A brutalidade, os maus tratos dos educadores, o regimen escolar de autoritarismo, de coação, a série de meios que a inconsciência, a estupidez

ou a maldade inventou para educar, ameaça de policiais, de lobishomem, de fantasmas, de monstros, as leituras cheias de terror, tudo isso tem contribuído para criar em volta da criança uma atmosfera irrespirável em que a melhor energia falece e se amedronta.

E quando não é a violência, a severidade excessiva, é o defeito contrário: a solicitude exagerada que deprime a energia da criança, que faz dela um triste sêr, que de tudo tem medo.

Faria de Vasconcelos comenta ainda: — Não é necessário expôr a criança à dôr, como quer Locke, mas é bom habituá-la ao sofrimento, não lhe fazer temer por um cuidado exagerado e nocivo. Aconselha ainda exercícios que tonifiquem o sistema nervoso, estimulem a vitalidade, acelerem a nutrição.

E' necessário endurecer a criança com exercícios de ginástica, de jogos em que a sua coragem solicitada se possa firmar e desenvolver e que lhe dêem a impressão, a consciência de sua força.

M. Mélinand reduz a 3 as causas do medo:

1.º — *Ameaça de morte* — E' o caso típico. Todo perigo brusco suscita normalmente o medo. Há então a explosão do instinto de conservação.

2.º — *O desconhecido* — Tudo que é misterioso, apavora.

3.º — *A obscuridade, a noite* — E' tão comum que não sendo muito violenta pode-se dizer que constitui uma reação normal. Um exemplo que Robin dá no seu livro "L'enfant sans défaut" é oportuno transcrever: — Uma criança ansiosa por se encontrar no escuro pede à sua tia que lhe era vizinha: — Tia, fale-me, eu tenho medo. — Para que? Não me verás!

A criança responde: — Fica mais claro quando alguém fala.

4.º — *Espectativa da dôr física* — E' posterior à experiência. Resulta da recordação de um mal ou de uma dôr. Aquele que educa e precisa ter a atenção voltada para êsse ponto para ter consciência dos castigos físicos que inflinge.

O castigo físico pode humilhar e aviltar, antes de educar.

Há pais que ao bater em seus filhos o fazem sem reparar a ocasião e onde aplicam o castigo.

E' oportuno um apêlo nesse sentido: o educador deve evitar o castigo físico; quando o fizer, porém, respeitar a cabeça e o rosto, por razões anatómicas, e mesmo morais.

O rosto é um lugar que se deve respeitar mesmo na criança. Castigo mal aplicado avilta, ofende a integridade moral.

5.º — *Espectativa da dôr moral* — Um choque moral qualquer suscita um estado emocional.

O medo é contagioso?

Jonckheire, no seu livro "La pedagogie experimentale au jardin d'enfants", escreve assim: — O medo é contagioso. Há duas espécies de contágio. O contágio em presença do perigo comunica-se por imitação direta, por gestos, pela expressão da fisionomia e o contágio lento por conversações e exemplos diários.

Se a intrepidez é resultado do hábito é também, como diz Paul Bernard, um processo de imitação, de sugestão.

O exemplo tem, pois, grande influência. Deem os pais e mestres exemplo de coragem, de calma, de sangue frio! Tornem seus filhos e alunos sensíveis à vergonha de ter medo. Focalizem as consequências perniciosas do medo, tais como: a mentira, a timidez, a covardia, etc. Mostrem-lhes a relação estreita entre medo e superstição, entre medo e ignorância, entre medo e fraqueza!

A luta contra o medo é a aprendizagem da coragem.

#### Bibliografia

Riboulet — Psicologia.

S. Doria — Psicologia.

Faria de Vasconcelos — Pedologia e Pedagogia Experimental.

W. James — Précis de Psychologie.

Paul Bernard — Comment on devient un Educateur. La peur.

A. Mathieu — E. Blarguernon La.

A. Mathieu — E. Blarguernon La peur: comment en guérir l'enfant.

Gilbert Robin — L'enfant sans défauts.

Vives — Tratado del alma.

B. Perez — L'enfant de trois à sept ans.

Ribot — Psychologie des sentiments.

Tobie Jonckheire — La pédagogie expérimentale.

Belo-Horizonte, 1-4-34.

NAIR STARLING

#### PALAVRAS DE MESTRES

*Tem o instinto da propriedade importância capital na educação. De diversos modos podemos fazer-lhe apêlo. Em casa, é preciso ensinar desde logo às crianças a ter com ordem e asseio os objetos que possuam. Na escola assume este instinto grande valor pelas relações que o prendem a uma forma especial da atividade — a necessidade de colecionar. Bugigangas, uma concha, um selo, um cartão, um desenho, tornam-se interessantes logo que preencham lacunas numa coleção ou completem uma série. A maior parte do trabalho clássico feito neste mundo, no domínio da bibliografia, da memória pura, da erudição — o que é a propria base dos nossos acontecimentos — encontra o seu interesse antes no prazer que ocasionam certas pesquisas aos instintos do colecionador do que na satisfação que êles causem ao nosso sentimento de racionalidade.*

WILLIAM JAMES

ATIVIDADES EDUCATIVAS EM MINAS-GERAIS



Escola Infantil "Peffim Moreira" — Belo-Horizonte — Num cantinho de repolhos

## A realização de um auditório

Maria de Lourdes CAMPELO

*(Projeto levado a efeito numa classe de 2.º ano primário do Grupo "Barão do Rio Branco", da Capital)*

**Motivação** — um convite para um auditório numa classe de 4.º ano.

**Desenvolvimento** — A iniciativa do auditório que levámos a efeito na 3.ª semana de maio findo foi uma questão de oportunidade e, portanto, um aproveitamento da espontaneidade da criança.

Não constava do plano de lição do dia encaminhá-la e orientá-la para essa atividade; mas a idéia foi tão espontânea e o entusiasmo tão vivo que seria falta perdê-los.

Estávamos na aula de Linguagem, quando nos vieram convidar para o seu auditório dois alunos de uma das classes do 4.º ano.

Dois dos meus alunos, depois de terem conversado entre si, pediram-me, quasi de uma só vez, que eu permitisse que eles também fizessem um auditório. Mal acabaram de dizer estas palavras, recebiam aprovação unânime e entusiástica dos demais colégas.

E começaram a conversar acaloradamente, numa confusão de vózes, fazendo mesmo barulho, dizendo dos papéis que queriam desempenhar e como pretendiam organizar o auditório.

Depois de mais serenada a conversação, disse-lhes: Está feito; também faremos um auditório; agora é preciso que combinemos afim de começarmos a trabalhar para este fim.

Cada aluno falará por sua vez, porque se todos falarem ao mesmo tempo, ninguém se entende. (Aproveitei esta oportu-

tinidade, que se me oferecia para educá-los, levando com isto algum tempo). Terminei, dizendo-lhes que teriam liberdade de aceitar ou não as sugestões do coléga.

O primeiro ponto discutido foi o nome. Como as sugestões fossem diversas puzêmo-las em votação, cabendo o primeiro lugar à seguinte: "Auditório dos Pássaros", com 22 votos.

Passámos, depois, à ornamentação da sala. Um aluno sugeriu que, no dia do auditório, cada um dêles representaria um passarinho. E seguiu-se uma escolha animada.

Diversos alunos tinham predileção pelo sabiá e estavam quasi a brigar, sendo necessário minha intervenção no caso, dizendo-lhes que seria sabiá o menino que se tivesse lembrado primeiro desse passarinho, visto como êles não queriam mais de um aluno, representando o mesmo pássaro.

E alguns queixaram-se de que, não havia mais passarinhos para êles representarem, ao que lhes sugeri muitos, dos quais não se haviam lembrado. A escolha, assim, foi feita facilmente, em uma atmosfera de grande interesse e liberdade.

Ficou também combinado que cada aluno desenhasse na cartolina o passarinho que havia escolhido, o qual seria pregado na gola da blusa, no dia do auditório.

E pediram a colaboração da professora de desenho.

Na sua natural sofreguidão, as crianças deliberaram escolher loga uma comissão para se entender com essa professora.

Discutiu-se, depois, se o auditório seria na sala de aula ou ao ar livre. Deliberado que nós o fariamos na própria sala, ornamentando-a, os alunos verificaram que as sanefas tinham estampas de pássaros, mas estavam descoloridas e estragadas.

Ficou assentado que elas seriam substituídas. Resolveram escolher algumas colégas para comprar o pano, recomendando-lhes que o queriam com as mesmas estampas do primitivo.

Para a confecção das sanefas, pediram a colaboração das professoras de trabalhos manuais.

Nos dias seguintes, passámos ao programa do auditório; muitos se apresentaram, dizendo-me que sabiam poesias sobre os passaros, canções, histórias do "João de Barro," etc., mas que convidariam a professora de canto para ajudá-los, afim de que ela lhes ensinasse uma bonita canção aos passarinhos.

Ficaram, deste modo, assentadas as bases gerais. E desde então entrámos em franca atividade.

Orientados por mim, os alunos procuraram nos livros, jornais e revistas histórias, gravuras e conhecimentos sobre a vida dos passaros, tendo êles proprios assim organizado os números do auditório.

A princípio escolheram muita história confusa, mal conduzida e muita notícia sem interesse, só porque, às vezes, a epigrafe se relacionava com o assunto que êles procuravam.

Depois, com o tempo, recortaram de revistas e jornais histórias muito interessantes, quadrinhas delicadas, etc., tendo êles assim ocasião de lêr muito, como comprovámos, realmente, pela melhora da leitura na classe.

O plano levou um mês e meio para ficar integral e satisfatoriamente executado, sem nenhum exagerado otimismo.

Orgauizei, já nas vésperas do auditório, um concurso de redação.

O aluno que alcançasse o primeiro lugar leria o seu trabalho no auditório e publicá-lo-ia no "Nosso Jornal", diário do Grupo, mas de cuja organização as terças-feiras está encarregada a minha classe.

Houve um interesse inexcitável. Contei-lhes, muito simplificada, a lenda do beija-flôr. A princípio, êles sentiam dificuldades e eu observei que a razão era quererem êles reproduzi-la com as palavras que tinham ouvido e insistirem nisto, sendo necessário orientá-los neste ponto.

Dias depois do auditório, a classe escrevia a sua primeira cartinha motivada. Era dirigida à nossa diretora, que se acha em férias especiais, dizendo-lhe, ligeiramente, do que havia feito e enviando-lhe um programa do auditório.

Desenvolvemos, oportunamente, muitas atividades.

*Desenvolvimento em escolaridade*

Língua-Pátria — Cópias e outros exercícios — Em casa e na aula, os alunos faziam trabalhos referentes ao assunto, ilustrando-os; alguns exercícios de redação foram feitos e numerosos ditados, cujos textos eram por mim previamente escolhidos.

Aritmética — Problemas. Esta matéria teve papel saliente. Muitos problemas foram tratados. Aprenderam a medir, afim de comprar o chitão para as sanefas. Cada aluno concorreu com uma pequenina quantia afim de adquirir-lo. Tudo isto originou diversos problemas reais.

Linguagem e Ciências Naturais — Aproveitamos a aula de Linguagem, relacionando-a intimamente à de Ciências e, em diversas aulas, tratámos dos característicos das aves, espécies, origem do nome de alguns pássaros, etc.

Leitura — Informações em jornais, revistas, etc.

Trabalhos manuais e modelagem. — Costuras, recortes, dobraduras, aplicações, modelagem de pássaros, etc.

Desenho — Ilustração dos exercícios feitos; convites e programas do auditório.

Canto — Hinos, canções, etc.

Moral e Religião — relacionadas. — Na primeira fá-lamos da estima e proteção às aves. Quanto à segunda relacionamo-la também com o nosso assunto, falando da criação do mundo e que, como eles aprenderam, as aves também foram criadas por Deus. Passámos ao Novo Testamento, estudando a parábola em que Jesus nos exorta a ser como as aves do céu: não lavram, nem semeiam, nem ceifam, nem fazem provisão em celeiros; contudo o Pai Celestial as alimenta. Tive o máximo cuidado por que as crianças compendessem o exato sentido desta lição, completando-a com histórias e exemplos, afim de que não a tomassem como uma ficção de ociosidade e imprevidência.

Finalmente, realizámos o auditório no dia 22 de maio passado.

Foram tão variados os trabalhos dos alunos na classe, na aula de trabalhos, manuais e modelagem, desenho, etc., que nesse dia pudemos organizar uma pequenina exposição, na qual se viam: desenhos, recortes, sanefas, etc., etc.

A pregação dessas, em número de três, ficou a cargo dos meninos, os quais mostraram muita aptidão, tendo assim entrado em contáto com os trabalhos de marcenaria.

Tivemos ocasião de constatar com que satisfação os alunos se dirigiam às aulas especializadas, trabalhando intensamente, aproveitando devéras o tempo, porque trabalhavam em tórno de um assunto escolhido espontaneamente e tratado livremente por eles.

MARIA DE LOURDES CAMPELO

## PALAVRAS DE MESTRES

*Todo objeto destituído de interêsse próprio pode recebê-lo de um outro que o possua, graças às associações de idéias que entre eles se estabelecem.*

WILLIAM JAMES

## AVISO AOS PROFESSORES E ASSINANTES

**Prevenimos aos srs. professores e assinantes que a "Revista do "Ensino" não é distribuída pela Imprensa Oficial, mas, sim, pela Secretaria da Educação, para onde a nossa correspondência deve ser dirigida.**

## Conselho da Classe

Maria José de Melo PAIVA

O conselho de classe tem por fim melhorar a ordem, a higiene e a disciplina escolar.

*Organização* — Cada turma terá uma professora conselheira, uma chefe de classe e três auxiliares: social, zeladora e de ordem.

*Atribuições* — 1) A conselheira deverá guiar, orientar e aconselhar a turma e se responsabilizar pelo comportamento de suas alunas, acompanhando-as em auditório e outras atividades escolares, zelando tanto quanto possível pelo aperfeiçoamento moral de todas.

2) A chefe de classe deverá zelar pela turma em todas as horas do dia escolar, ser intérprete da turma junto à diretoria, à conselheira, aos professores, inspetoras e serventes. Orientará as 3 auxiliares que estarão sob sua responsabilidade. Fornecerá diariamente à socializadora um pequeno relatório, do movimento da turma relativo à parte social, à higiene, à ordem, à frequência, etc.

A conselheira escolhida pela classe acompanha a turma durante os 2 anos do curso de Adaptação ou os 3 do Preparatório. No curso de Aplicação será conselheira a professora de Metodologia. A chefe de classe será eleita mensalmente pela turma. As auxiliares são escolhidas pela chefe de classe.

3) A auxiliar social encarregará da organização de festas, recepção, visitas às colegas doentes e do registro minucioso das reuniões sociais, auditório, etc.

4) A auxiliar de ordem se encarregará da parte relativa à frequência e à pontualidade e ao procedimento das alunas.

5) A auxiliar zeladora se encarregará da higiene das salas, da ordem do material da classe.

Todas estas auxiliares apresentam diariamente informações sobre o trabalho realizado para o relatório que a chefe deve entregar à socializadora.

No último ano há em cada turma uma aluna inspetora encarregada de auxiliar a manter a ordem na entrada, na saída, nos corredores e no recreio.

São eleitas pela turma também mensalmente.

De 15 em 15 dias há reunião dos chefes de classe e alunas inspetoras, para que sejam discutidos assuntos de interesse geral concernentes todas à ordem das Escolas. Sempre que possível a socializadora deverá assistir à reunião e até mesmo tomar parte nela, orientando as alunas em casos difíceis, quando sozinhas não possam resolver as dificuldades encontradas.

MARIA JOSÉ DE MELO PAIVA

## PALAVRAS DE MESTRES

*Formar corações sem ao mesmo tempo desenvolver espíritos é impossível. Não se imprimem na consciência do homem regras de bem viver sem lhe esclarecer a inteligência, ampliar-lhe as idéias, instruí-lo, enfim; mas a instrução só por si não suprirá a educação.*

DONNET

\*

*Um caráter é uma vontade completamente educada.*

STUART MILL

## Centros de interesse

Vera SIMCH

Segundo Lourenço Filho nós, os mestres, conduzimos nosso trabalho conforme a concepção que temos da vida, isto é, segundo nosso ponto de vista filosófico.

Chegar, porém, à concepção da vida corresponde aos "fins" da educação e para lá chegarmos lançaremos mão de "meios" adequados aos intuítos visados — esse o método.

Assim recorremos à ciência para nos mostrar e indicar quais os melhores "meios". Ora, devido à grande transformação das ciências biológicas, atravessa também a escola uma modificação, uma revisão de meios de educação; mas o problema tornou-se complicado porque, além da alteração dos meios ou do método, também quer a escola nova modificar os fins da educação, correspondendo dêsse modo a outra concepção de vida. Dois são, portanto, os problemas: "fins" da educação e "meios" de levá-la a termo.

Falece-me competência para discorrer sobre o primeiro, contentando-me com afirmar que, se o homem inculto tem sua filosofia, qualquer um de nós poderá tê-la igualmente. Passemos, pois, ao segundo problema, o do método ou dos processos de aprender e de ensinar. Que será isso? Apenas a "adaptação" dos meios ao fim colimado, e eu, abrindo mão de quaisquer outros esclarecimentos, aliás desnecessários para o seletos auditório aqui congregado, vou ocupar-me do sistema decroliano, ou dos processos preconizados e postos em prática por esse notável pedagogo que foi o dr. Decroly.

Como organizou e donde derivou êle seus processos?

Sendo médico, estudou Decroly preferentemente as crianças doentes ou anormais, tendo como resultado ficar conhecendo, através das enfermas, as crianças sãs ou normais.

O primeiro fator examinado foi o "meio" com suas condições variáveis, como sóem ser as cidades, sendo interessante acompanhá-lo em suas observações, através das quais verifica ser o pequeno campônio superior ao cidadão, relativamente aos meios gerais de existência; poderá ser inferior quanto à riqueza de vocabulário, porém, jamais será suplantado quanto ao juízo prático das cousas e quanto às iniciativas necessárias à vida e à saída de dificuldades.

A criação do interior é tímida e acanhada apenas quando cotejada com as da cidade e no ambiente desta, onde, por vezes, é alvo de pilhérias e de crítica de toda sorte. Não é, entretanto, menos ridícula a criação da cidade transportada para o campo, onde a fazem bastas vezes de tola e onde a deixam em apuros pela sua ignorância das coisas mais rudimentares, como fazer um bodoque, armar uma arapuca, lidar com um cavalo etc.

Entendia Decroly, e com razão, não substituírem os cinemas nem os museus a natureza em suas maravilhosas transformações; nos aspectos do céu, do campo, das matas, com suas modalidades extremas de frio, calor, tormentas, etc.

A vida da cidade, dizia êle, com seus parques, jardins, automóveis, avenidas e árvores semelhantes, iluminação das ruas feita com simetria, não vencerá, em hipótese alguma, a beleza da vida dos campos com suas plantas, insetos, flôres, frutos, passáros, além dos lindos quadros vivos e os inimitáveis da aurora, dos crepúsculo, tormentas e firmamento estrelado.

De tanto se ocupar Decroly com o meio, chamou a atenção dos professores para o nosso papel social, que se encontra grandemente ampliado em virtude da época que atravessamos. Cabem-nos, a nós professores, deveres mais vastos e mais importantes hoje, sobretudo em face das grandes aglomerações humanas e especialmente nos grandes centros de indústrias, onde as crianças pela natureza das ocupações dos pais, estão muitas vezes isoladas, como que abandonadas. pois pai e mãe, levados à fábrika pela necessidade de grangear os meios de subsistência, não têm tempo de as defender, do ponto de vista social, dos múltiplos perigos a que

estão expostas. Além disso desenvolve-se a criança sem a idéia do lar, da união de família, do bom exemplo, do carinho, etc. Explica-se, assim, a importância dada ao "meio conveniente" à criança, conveniente não sómente à sua atividade como também à sua mentalidade.

O segundo fator focado por Decroly foi a própria criança: divergem elas tanto em suas manifestações, em seus ideais, em sua capacidade intelectual, que se poderia ser levado a crêr indispensável a competência e habilidade de verdadeiros sábios para conduzi-las. Puro engano. Pôde-se fazer, diz Decroly, como o estalajadeiro, que atende e satisfaz os hóspedes nos seus mais variados gostos; pois satisficamos, nós, os alunos quanto a seu alimento intelectual e moral, nas condições adequadas a cada um.

Com essas idéias foi levado a organizar seu programa de fatos associados às matérias neles compreendidas.

Como se organizam atualmente os programas e quem os organiza? Os professores, e especialmente visando o resultado técnico de ensinar o aluno a ler, escrever e contar, porque o mais... aprenderá depois. Assim pensam muitíssimos professores, não admirando pensarem da mesma forma os pais. De um desses, aliás, de certo preparo, ouvi que a escola freqüentada por seu filho "não era como a de seu tempo", pois em lugar de "ensinar ao menino a gramática e as contas, levava a mestra a ministra-lhe conhecimentos de anatomia e outras bobagens..." Não pensa desse modo Decroly nem seus adeptos, pois dividiu o mestre notável seu programa em duas partes bem distintas: o programa de "cultura" e o de "técnica". Opina êle que os resultados negativos provindos da escola têm como causa cuidarem os professores do desenvolvimento exclusivo da segunda parte, por julgarem-na mais importante, quando se deveria fazer o contrário; e já que de momento, não se pôde conseguir o ideal, façamos, diz, êle, ao menos, esforços para um desenvolvimento paralelo dos dois programas.

E se muitas vezes há decepções, culpam-se delas os programas, mas a culpa, certo, não cabe a estes e sim a seus organizadores, aos que os elaboraram: sábios, muitas vezes,

na especialidade, mas pouco preocupados com a verdadeira psicologia infantil, isto é, com o "aparelho da receptividade" da criança.

E as famosas reformas de programas, observa Decroly, geralmente cifram-se em adicionarem-lhe mais matérias, tornando-o mais extenso, mais indigesto, menos exequível...

Isto não significa deva-se começar a renovação das escolas pela renovação dos programas, não! Para o ilustre pedagogo belga este problema ocupa o terceiro lugar, visto como antes será indispensável:

- 1) preparar de maneira mais completa os futuros educadores (e esta opinião foi ha pouco ainda confirmada pelo notável dr. Santin Carlos Rossi, diretor geral do ensino primário e normal até há meses no Uruguai);
- 2) fazer penetrar um pouco mais de vida na escola atual.

Quanto ao primeiro ponto, muitos dos Estados de nossa pátria já se têm dele ocupado com afinco, destacando-se os de Minas-Gerais, São-Paulo e o Distrito Federal.

A realização do segundo já é mais difícil pois "não depende apenas do professor culto e preparado", mas daquele que aliar a estes requisitos "a verdadeira vocação para a vida do magistério primário"; e, a proposito do problema didático, disse José Ribeiro Escobar: "Ser sábio em dada materia, ou ser cintilante e verboso, "não são ainda credenciais pedagógicas".

D. Bosco, nos primeiros tempos de sua vida, era pouco ilustrado; entanto atraía para junto de si verdadeiras multidões, rapazes em sua maioria vadios de rua, maus elementos da escola. E por que os reunia? Porque tinha as virtudes essenciais do professor: a doçura e a paciência; era atraente, sabendo também tornar atraente o meio escolar.

A' escola só dará vida o professor-apóstolo, o que se identificar com o ambiente e o que puder servir de exemplo e de modelo. Como poderá, por exemplo, exigir pontualidade aos alunos o impontual professor? Como exigirá ordem quem não tiver como demonstrar êsse predicado?

A paciência, a ordem, a pontualidade, a seriedade, a modéstia são virtudes ou qualidades essenciais do mestre, devendo ser transmitidas aos alunos através dos atos dêle.

Não têm a importância que muitas vezes se lhes empresta as grandes instalações, os suntuosos edifícios, etc.: embora concorram para a educação, não são essenciais.

A falta de material é muitas vezes suprida pela *bou vontade* do mestre, que até por meio de um chapéu pôde dar — como tive ensejo de verificar — lições sôbre a sucessão do dia e da noite. Mais urgente que o respectivo material é, como dizia Decroly, a reforma dos processos de ensinar e verificar o ensinado.

O processo Decroly é baseado no estudo dos instintos mais poderosos da criança, classificados como *necessidades fundamentais*. São estas em número de quatro: a necessidade de *alimentar-se*; a de lutar contra as *intempéries*; a de lutar contra os *perigos*; e, como que para pôr em movimento essas defesas, surge a quarta necessidade, que é a *de trabalhar*.

O estudo dessas necessidades reclama como fatores os animais, as plantas, os minerais — que formam o *meio natural*; — a família, a escola, e a sociedade — o *meio social*.

O estudo completo das quatro necessidades, além de abranger os meios natural e social, ainda abrange o meio menos próximo, a que pertencem o sol e os outros astros. Esses conhecimentos fazem parte de todos os programas, faltando-lhes, porém, o entrelaçamento das matérias que devem ser estudadas, de modo a irem convergir para um determinado ponto ou *centro*.

A divisão das matérias será estabelecida em base do funcionamento do mecanismo intelectual representado pelas seguintes etapas: *observação* — *associação* — *expressão*.

A *observação* prendem-se os exercícios que ponham a criança em contacto directo com os objetos fatos e conhecimentos. A inteligência da criança trabalha com material por ela recolhido com o devido interêsses: são as *lições de cousas* por meia das quais se enriquece o *vocabulário*, o que servirá de elemento fundamental na *leitura*; *iais lições ain-*

da proporcionam exercícios de comparação aplicados em parte ao cálculo elementar, chegando, finalmente, a criança a *formar um juízo*, aprendendo a julgar e a ter um conceito relativamente a determinado objeto.

A *associação* compreende quatro grupos de exercícios:

- 1) a *associação no espaço* ou *geografia* propriamente dita;
- 2) *associação no tempo*, que corresponde à *história*;
- 3) *associação tecnológica*, que trata dos *usos e aplicações industriais* das matérias primas;
- 4) *determinismo*, consistente em exercícios que visam as relações de causa para efeito, isto, é, os *porquês* e os *comos* dos fenomenos occorrentes.

*Expressão*: esta, que surge a cada passo na *observação* e na *associação*, pode ser *concreta* ou *abstrata*: a *concreta* abrange os exercícios de desenho, modelagem, cartonaagem, etc., enquanto a *leitura*, a *conversação*, a *escrita*, as *redações*, os ditados constituem a *expressão abstrata*.

Diversas colegas já me tem interrogado sôbre o motivo de minha predileção pelos *centros de interêsse* — quando o método dos projetos lhes é superior em bons resultados; ora, Decroly declara ser seu processo apenas um transição entre a escola tradicional e a de amanhã "*para preparar o advento de uma evolução maior*".

Por isso acho mais lógico que nós, tão atrazados ainda, lancemos mão do primeiro sistema e não do segundo, pois o métodos de projetos tem dado ótimos resultados, mas não aqui. Além disso os sistemas de ensino por meio de centros de interêsses (Decroly) e por meio de projetos (Dewey) são complementares, no sentido de que êste completa aquele.

No centro de interêsse oferece-se ao aluno um objeto conhecido dêle e do qual se parte para centros ou regiões desconhecidas, que se hão de desbravar, ligando-os por uma dependencia simples: relação de tempo, de espaço, de forma, de expressão, de utilidade e aproveitamento, motivos de evitá-lo, etc., enfim tudo o que fôr possível alinhar dentro da capacidade perceptiva do aluno, consoante o tempo disponível e o gráu de conhecimentos de que é portador. Assim um

determinado centro pode ser tratado novamente no ano seguinte, não sómente para o recordar e firmar, como ainda para desenvolvê-lo mais, ampliando as noções adquiridas, completando-as, enriquecendo-as.

E', finalmente, uma análise do objeto, é a indução aplicada à escola que recusa os princípios dogmáticos, para estribar-se na observação e na experiência.

Dêsse modo, apesar de trabalhoso a princípio para o professor, o sistema de ensinar é em extremo ameno para o aluno e é *dêsse que se ocupa a pedagogia e não das comodidades do professor.*

No sistema de projetos quer-se verificar se o aluno assimilou a matéria ensinada, verificação que se faz por uma forma qualquer, podendo mesmo ser pela do centro de interesse. Diz Fernano Sainz no seu trabalho "*El método de projectos*":

"Recomendamos que quando el maestro "piense en la ejecución de projectos, además "de tener muy en cuenta todas las características del método, no olvide la teoría de los centros de interés, porque de los dominios de conocimiento que de un modo natural interesan "a los niños el maestro sacará un excelente material para esta labor".

Tal verificação, estava dizendo, será feita dando ao aluno como tarefa a construção, constituição ou execução dum problema cujos termos gerais ele já conheça, tendo então de provar não só que assimilou, como fica obrigado a procurar detalhes executórios possivelmente dêle desconhecidos ainda.

Para não haver perda de tempo em tentativas vãs, o que poderia talvez desanimar o aluno levado a buscar soluções falsas, feitas a esmo, a palpíte (o que equivale a um valor pedagógico negativo), só pôde realizar com eficiência o citado método quem conheça bem o assunto ou tenha aprendido a pesquisar ralações entre fatos e fenômenos como é obrigado a fazer no centro de interesse.

Exemplifiquemos:

Dê-se a uma classe como projeto a defeza contra terremotos, sem que os tenha visto e sem lhe esclarecer em que consistem.

Depois de muitos dias de perguntas e indagações, as mais desacertadas e inúteis, chegam os alunos à solução do problema, solução talvez imperfeita e insistemizada, de acôrdo com as noções adquiridas caóticamente e sem o hábito de relacionar causas e efeitos.

Suponhamos, doutra parte, terem já sido tratados os vulcões, indiretamente como parte de um centro de interesse; qual seria o resultado do problema proposto?

Uma solução simples, adequada e metódica, applicavel a todos os ambientes, porque o aluno tinha a noção geral da matéria e porque tinha o hábito de induzir e, em sentido inverso, o de deduzir.

Para arrematar, convém ainda acrescentar mais uma observação sobre os processos decrolianos: não são êles formalísticos, pois não consistem em fórmulas específicas prescritas, são um conjunto de applicações suscetíveis de generalização, de adaptação e sobretudo de evolução, sem ser preciso deformar ou suprimir nada de sua essência.

Antes de entrar na demonstração do modo de tratar um centro de interesse, cabem algumas advertências importantes:

- 1) para ter o processo Decroly a máxima eficiência é indispensável a classificação psicológica dos alunos, afim de grupá-los em séries de receptividades sensivelmente iguais;
- 2) o processo de verificação do proveito tirado pelos alunos terá de ser o dos testes, organizados convenientemente por quem conheça bem a sua técnica;
- 3) não é razoavel querer examinar um grupo decroliano pela mesma craveira do sistema clássico comum, assim como não se iria examinar um grupo dêste tipo de ensino pelo processo decroliano;
- 4) entre nós, especialmente conduzidas as turmas ao ano final, se não for possível obter para os alunos um sistema condizente com o seu método de trabalho, há de fazer-se um

curso de transição que só pôde ficar a cargo da mesma professora que os trouxe até aí; do contrário haverá o perigo de anarquizarem-se os conhecimentos, dando-se a aparência de infrutuoso ao sistema decroliano.

E' também interessante advertir que, no primeiro período, o aluno, ao entrar em aula, deverá como que ficar entregue a si mesmo, às suas próprias inclinações, mas a professora precisará ter a necessária habilidade para fixar, dentro de poucos minutos, a atenção de todos, sôbre os pontos de que devem realmente se ocupar; não é tarefa de que todas as professoras se sáiam bem.

Quanto ao material indispensável aos trabalhos, com um pouco de esforço e sem despesa é êle obtido pelas crianças, que muito se interessam por essas cousas. E' mesmo comum, ao fim do 3.º e 4.º ano, já organizarem seus quadros de centro de interesses como os tratados em aula e que exibidos ao fim do ano demonstram o grau real de aproveitamento; é, porém, indispensável não confundir tais trabalhos com os corrigidos e retocados pelo professor: aqueles têm inenso valor pedagógico, estes apenas demonstram falta de verdadeira compreensão do sistema decroliano.

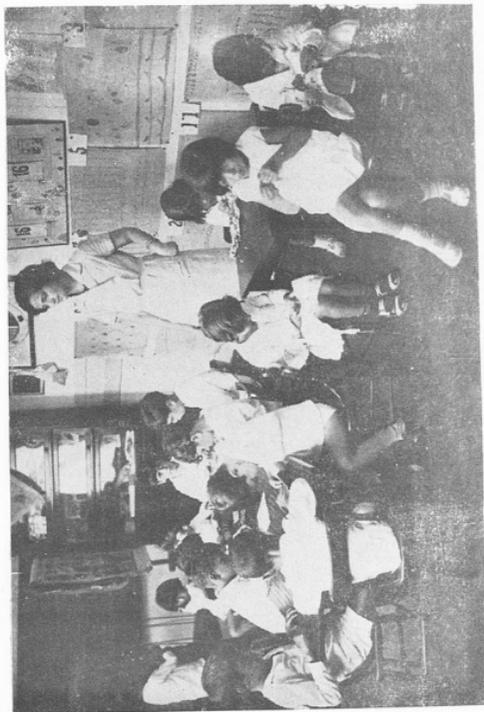
VERA SIMCH

### PALAVRAS DE MESTRES

*A educação tem por fim dar ao educando a vontade e os meios de atingir a perfeição de que êle um dia será susceptível. Educar uma criança, é pô-la em estado de satisfazer o melhor possível ao destino de sua vida.*

MME. NECKER DE SAUSSURE

ATIVIDADES EDUCATIVAS EM MINAS-GERAIS



Escola Infantil "De São Mamede" — Belo Horizonte — Horizontal e Vertical

## O espírito da educação renovada

Fernando de AZEVEDO

(Diretor do Instituto "Castano de Campos")

*A criança tem direito, — já o notava Angelo Patri, — a uma bela partida para a viagem da vida, se se quer que tenha a sorte de marchar até ao fim, de cabeça erguida e o corpo firme e direito. Se é preciso que a escola exerça uma influência decisiva, na formação de novas gerações, e se desejamos sinceramente que ela seja uma "fôrça ativa", no processo social de educação, temos de reorganizá-la e aparelhá-la de bibliotecas e de museus, de oficinas de trabalhos manuais, de campos ou salas de jogos, para que sejam excelentes e capazes de deixarem uma impressão indelével os primeiros contactos dos alunos com a escola e se abram a cada criança, na vida escolar, todas as oportunidades de se desenvolver, "segundo as suas aptidões e numa direção que lhe seja própria". São tão variadas e tão poderosas as fôrças e instituições sociais que exercem influência sobre o homem, envolvendo-o do berço ao túmulo, que a ação da escola se esterilizará, embaraçada rêde dêsse complexo de ações e reações sociais, se ela persistir em não se desenvolver ao par da marcha do mundo", em não se adiantar à evolução social ou, ao menos, acompanhá-la. E' preciso, pois, marchar sempre para a frente, acelerar o ritmo da renovação escolar, vigiar constantemente sobre as "reações" que provocam os novos processos sobre o espírito infantil, para que a ação da escola seja contínua, coerente e fecunda, capaz de guardar, em cada criança, o equilíbrio da saúde; de mantê-la em contacto permanente com as idéias vivas e saudáveis; de fazê-la crescer, no convívio social com os outros, no seio da alma coletiva, "de que recebe a esperança, a vida, a força, e a emoção", e de não somente desenvolver a personalidade da criança, como também desprender todos os recursos de sua natureza em prol do bem comum ou do interesse coletivo.*

FERNANDO DE AZEVEDO

## Educação física

(Tradução e adaptação, pela professora  
Diumira PAIVA, do trecho de uma conferên-  
cia do dr. Nelson, educador argentino).

### O jogo como fator de educação

O jogo é, antes de tudo, um fator de educação física, mas a educação física da mais alta classe, porque é natural, agradável e recreativo em muito maior grau que a ginástica. É a mais conveniente das formas de trabalho neuro-muscular, permitindo que a ação tenha seu antecedente legítimo, que é a estimulação sensorial. É o melhor organizador das coordenações psico-físicas fundamentais e grande produtor de saúde. Provê o desenvolvimento físico normal e faz o menino bastante forte como para sobrelevar a prisão a que o submete a escola e as exigências da vida. É uma atividade moral excelente, porque inculca a ética da ação. Proporciona oportunidade para viver no presente, para atuar entre iguais, para pôr à prova o caráter.

O jogo que é um insuperável motivo para o exercício social na direção dos outros, na cooperação e no valor, na arte de fazer amigos, na renúncia da ambição pessoal, dá uma oportunidade para trabalhar por interesses reais, mas sobretudo por motivos sociais. Transforma os grupos deficientes e socialmente hostis, em grupos que podem ser movidos por motivos altruístas e possuídos de sentimento coletivo. É um formador da capacidade mental pelas correlações que estabelece entre o físico e o moral, e assim ajuda e coopera com a escola; é um fator de economia social, pelo melhoramento da disciplina coletiva.

Constitue êle uma agradável forma de estudo da natureza, porque se realiza ao ar livre, a maior parte do tempo, e põe o menino em contacto com cousas reais e pessoas.

Assim, pois, podemos afirmar que o jogo não é um luxo, sinão uma necessidade. Não é simplesmente algo que o menino gosta de ter, é algo que deve ter se quiser desenvolver-se em forma normal. É alguma cousa mais que uma parte essencial de sua educação. O jogo é, assim, uma atividade importante para o menino, pois êste o exercita em abediência a um mandato imperativo da natureza, mandato que desde o nascimento do homem se insinua e logo se desenvolve em diversas direções, e segue em toda sua plenitude a lei suprema do crescimento.

### Aspectos biológicos do jogo

O crescimento do indivíduo, como o da espécie, é o resultado da ação.

No menino o jogo é um instrumento que a natureza tem posto em seu espírito para que sirva de núcleo e motivo de ação. É a voz por cujo intermédio a natureza anuncia o que o menino terá de ser, e que obedece à mesma lei que faz germinar a semente.

Assim, o jogo representa na educação o programa imposto pela natureza. O jogo para o menino, na escola, é muito importante, sem dúvida, para que sua razão se ilumine e êle mesmo se converte em um ser vital, e cresça em harmonia com a natureza.

Dizemos que o jogo representa na educação o programa imposto pela natureza. Na planta, na flor como no fruto, as faculdades e virtudes potenciais, aparecem umas atrás das outras. Também no menino, os instintos aparecem a seu tempo, uns atrás dos outros, para ser incorporados ao trama de seu espírito. Mas isto só se verificará, mediante a atividade e a expressão.

A atividade se faz verdadeiramente educativa somente durante os primeiros dias da vida. Se o hábito não se adquire então, nunca mais frutificará. O instinto morre. Quando o chamado do instinto chega, o menino o sente e obedece. Se não responde a êsse chamado com uma ação, com uma ex-

pressão motora, si por exemplo, não participa de jogos que requerem certo perigo e dificuldades, mais tarde se achará incapaz de intervir em situações que pedem o exercício das condições que não tiveram oportunidade de expressar-se.

Todos êstes antecedentes têm seu valor para o educador. A natureza lhe oferece a quadricula sôbre a qual êle pode traçar um plano de cultura para o menino.

A moderna educação física sabe fazer um uso educativo dos instintos espontâneos; acompanha-os em seu desenvolvimento. Não ignora, por exemplo, que em sua primeira idade o menino é um individualista em seus jogos. Isto não significa sinão que o menino está aprendendo a usar seu próprio corpo, a dirigir seus próprios movimentos, a usar-se de si mesmo.

A educação física escolar acolhe a progressão evolutiva que manifesta o menino em seus jogos e a converte em uma progressão educativa integral.

Quando o menino passa da etapa característica do domínio de si mesmo à etapa seguinte, em que predomina o desejo de competência com os demais, o ensino controla de modo que as atividades competitivas não monopolizem a sua personalidade. Se o educando não tem aprendido antes a controlar o mais possível os seus atos, o professor tratará nos exercícios das atividades competitivas, de levar o menino à educação de seus poderes de inibição.

A educação física, através do uso dos jogos, emprega os melhores esforços para corrigir os instintos egotistas que nesta última etapa de progressão aparecem, pois o menino que antecipa seus interesses pessoais ao de seu "team" será incapaz de manter sua lealdade ao grupo social de que amanhã fará parte.

#### PALAVRAS DE MESTRES

*A educação visa reforçar o corpo e aperfeiçoar, quanto possível, a alma.*

PLATÃO

## A educação e os problemas sociais da atualidade

John DEWEY

O interesse atual pela reconstrução social e o atual desejo de muitos educadores de que as escolas assumam responsabilidade maior para realizá-la, recorda-me um movimento algo parecido dos últimos anos da guerra mundial. A êsse tempo também pairava no ar a idéia de que estava iminente uma grande transformação social e se incitava o educador a desempenhar nela o seu papel. Todos sabemos o que aconteceu então. Houve uma precipitada e irreflexiva "volta à normalidade", e nos anos seguintes os negócios estiveram, em geral, nas garras dos reacionários, mais do que nunca em nossa história.

Não desejo sugerir que as duas situações sejam iguais e que o atual estado seja o dos primeiros decênios do presente século. Muito menos desejo unir-me ao côro dos que aduzem tais episódios como prova da futilidade de todas as aspirações liberais pela reforma social. Existem indubitavelmente razões para que o pensamento e a discussão que se ocupam da situação atual não sejam tão transitórios como o foram há quatorze anos. Mas suponho que a experiência anterior traz consigo uma advertência e suscita um problema. Pelo menos, hei de referir-me a êle ao propôr uma questão que, em qualquer caso, é importante. Em vez de considerar nossos problemas sociais como tais, perguntarei: Qual é o método pelo qual o educador pode aproximar-se dêles? Onde se colocará para contemplá-los? Existe um caminho para a aproximação, que impeça sequer o fracasso que acompanha tantos movimentos idealistas e humanitários do passado?

O problema não está colocado em um vácuo absoluto, nem ainda nas camadas superiores da atmosfera. Existem

já, parece-me, por parte dos educadores, sintomas de uma aproximação que não é de molde a produzir resultados duradouros. Nos últimos anos adquirimos o hábito de mover-nos enumerando objetivos que haviam de ser alcançados. Este procedimento em si mesmo é inteligente e admirável.

Precisamos saber o que seremos depois, o que nos esforçamos para realizar. Mas há uma questão subjacente. Donde derivaremos nossos objetivos? Obtê-los-emos do ar, tiramo-los da terra em redor, os extremos dos nossos íntimos desejos? Muito do que nos apraz pensar como idealismo americano, e de que nos congratulamos, estrutura fins sobre a base do que parece desejável em geral, fóra dos meios disponíveis. Ouvi, por exemplo, mui recentemente, perguntar a alguns se era muito moral empregar as importâncias que os países estrangeiros nos devem como meio para assegurar uma radical redução dos armamentos, fazendo disso uma condição para anular as dívidas. Os educadores podem estabelecer objetivos sociais que são delicados e nobres, porque partem de muito longe das condições e necessidades atuais e, portanto, isolando-se dos únicos meios pelos quais podem realizar-se os seus desejos.

Uma união do idealismo do propósito com uma visão e utilização realistas das condições existentes me parece o único meio pelo qual nossos objetivos podem deixar de tornar-se vazios, sentimentais e condenados ao fracasso. Temos que estruturar nossos objetivos sociais baseando-os no conhecimento das forças e causas produtoras dos males que sofremos, e temos que estruturá-los sobre a base daquelas forças e condições da situação atual que ofereçam meios para a sua realização. Eu não sei se a caridade começa sempre pela casa de cada um. Mas estou seguro de que a inteligência e a estruturação de fins e ideais práticas há de começar por casa o mais depressa possível. Se este princípio é aplicado à educação com referência aos problemas sociais nos preservará a nós, educadores, de ir demasiado longe no comêço e fixará nossos espíritos perguntando o que podemos realizar em relação aos meios de que dispo-

mos, para fazer o que necessitamos. É melhor fazer algo positivo e duradouro do que ascender aos altos céus em um globo que se esmigalha de golpe no solo tão rapidamente como gás que se dissipa.

Se adotarmos este critério, começaremos pela situação em que se encontra agora o educador, pela posição das escolas, que afeta por igual a alunos e a mestres. Informando-nos, como melhor pudermos, acerca dos fatos que determinam esta situação, trataremos de descobrir as causas desse estado de coisas, as causas que são responsáveis pelos males de que as escolas sofrem e pelos males ainda maiores que as ameaçam. Sairemos então para o campo social inteiro em que operam essas forças e inquiriremos quais são as forças contrastantes e reparadoras com que podemos cooperar, e estruturaremos nossos fins e objetivos, baseados nessa visão.

Não posso pretender entrar no exame completo das perturbações imediatas da educação em relação com as forças sociais e econômicas que as produziram. Existem, pelo menos, duas recentes afirmações autorizadas: uma é a do Comité Oficial, presidido pelo professor Mort; a outra é a da Conferência de cidadãos (*Citizens conference*), celebrada em Washington, em janeiro, e convocada pelo presidente Hoover. O tema dessa conferência, quasi tão oficial como o possa ser outra desse gênero, conta já essencialmente a história: a crise na educação. Os que aqui se acham reunidos sabem, ainda que o não saiba o grande público, os diversos elementos que definem a crise educacional. Sabem das reduções de recursos no momento em que se aumentaram as responsabilidades pelo crescente número de alunos e por outros fatores devidos ao colapso econômico; sabem das escolas fechadas; dos cursos escolares reduzidos; das classes sobrecarregadas; da parada das construções e do equipamento escolares, para manter a proporção com o aumento de população; da deterioração dos velhos equipamentos; do fechamento dos "Kindergartens"; das supressões de trabalhos manuais, artísticos, músicas, educação física, artes domésticas; da abolição de classes especiais para as crianças retardadas e impedidas; das séries de milhões de gradua-

dos de escolas normais reunidas ao sem trabalho; dos vencimentos não pagos e reduzidos; das escolas de adultos abandonadas.

Estes são exemplos de forças que ameaçam anular (falo sem exagero) as conquistas de segurança dos mestres e de enriquecimento do ensino, que são as conquistas mais relevantes destes últimos 40 anos. E, naturalmente, nos achamos no primeiro estádio do movimento e não no seu termo.

Com efeito, e até certo grau, por mui duro que seja julgá-lo, com deliberada intenção, as escolas públicas estão sofrendo um ataque. Os diretores do ataque em toda parte são os grandes contribuintes e as instituições que representam os elementos mais ricos e privilegiados da comunidade.

Aqueles que utilizam menos as escolas públicas, que dependem menos delas pela sua superior posição econômica, que dão a seus filhos em casa, por meio de ensino privado, as mesmas coisas que denunciam como supérfluas quando oferecidas em menor medida às massas de crianças das escolas, êsses são os mais ativos em seus ataques às escolas públicas. Com o pretexto da depressão e com o grito de economias (interpretadas no sentido de redução de gastos e não de supressão de desperdícios e irregularidades) estão ameaçadas a eficiência e a atração das escolas. Os níveis alcançados através de muitos anos de trabalho estão baixando.

Que as causas da situação não dependem das escolas, é por demais evidente para ser mistér demonstrá-lo. Que as causas se acham na situação geral da sociedade é também evidente. Toda criança que sabe ouvir e ler sabe também que aquelas se acham nas instituições e organizações econômicas da sociedade atual.

De um lado, está a crise da educação; de outro, os problemas sociais. Não há dúvida a respeito da íntima conexão que existe entre as duas causas. As causas da catástrofe econômica são as causas da crise educacional. O que suprimir ou siquer atenuar as forças que produziram o colapso da indústria, a terrível insegurança de milhões de homens na quebra do Governo, devido à diminuição de ingressos, exerce-

rá o mesmo efeito na educação. Não há outra saída. Temos que fazer o possível desde já para proteger as escolas contra as forças que a põem em perigo. Assim fazendo, não defendemos apenas nossos interesses pessoais. Das várias sugestões relativas às economias nos gastos escolares passados "por via de exemplo", desde a Câmara nacional de Comércio até às câmaras, só duas afetam diretamente os vencimentos dos mestres em exercício. Outras supõem uma redução da extensão do curso e da jornada escolares, aumento da matrícula das classes, redução de escolas de párvulos e adultos, posposição das construções escolares, (mantendo assim o descompêgo), simplificação de problemas — um evidente eugenismo — suprimindo um ano na escola primária e outro na secundária, percepção de matrículas dos alunos destas, etc.

Indiquei, mas sem pormenores, a situação em que se encontram os educadores se seguem o conselho de começar o estudo de sua relação com os problemas sociais pelo que lhes é mais próximo. Este método de aproximação revelará, como eu já disse, não só a natureza econômica dos problemas sociais que preocupam agora à nação e ao mundo, mas também afastarão dos mestres a ilusão, por muitos mantida, de que sua vocação e o interesse vocacional são tão diferentes, tão separados dos de outros trabalhadores e assalariados, que justificariam que êles se conservassem numa atitude de afastamento. A demonstração de que a profissão educativa não é nem pode ser fechada em si mesma é completa. O educador, como ser humano, como membro da comunidade e como educador, seja mestre ou inspetor, tem que se preocupar com os interesses, condições, necessidades e possibilidades econômicas; com os planos de reconstrução, sim, há de ser seguro e eficiente ao realizar a sua função educativa.

Por isso, temos que procurar uma linha, um caminho de aproximação dos problemas sociais, o qual é mais oportuno para produzir resultados de caráter duradouro no sentido de atividades que não se evaporarão por uma mudança na curva do ciclo econômico. Quando o educador seguir este caminho, verá que os problemas sociais não são algo fora dêle e de seu trabalho, e, sim, seu próprio interesse e

(uma vez mais) que são assim, não porque afetem a sua própria pessoa e salário, mas pela causa educacional a que ele próprio se consagrou. Por esta mesma razão verá que "os problemas sociais significam os problemas que afetam a grandes massas da comunidade; que não são coisas como trovões ou ciclones contemplados de fora, mas nascem de causas gerais e que, portanto, hão de ser tratados socialmente, isto é, cada um em conexão com os demais. Existe na natureza humana um curioso desvio que nos faz pensar nos problemas sociais como algo externo, embora seus efeitos sejam pessoais e privados. Nós outros, como educadores, necessitamos, antes de tudo, reconhecer que os problemas sociais são algo próprio; que eles, e não simplesmente suas conseqüências, são nossos; que nós outros somos parte das causas que os produzem pelo que tenhamos feito ou deixado de fazer, e que temos um papel necessário em encontrar a sua solução. Além disso, não os temos chamado "sociais" por uma razão extrema, mas pelo interesse educacional, que é uma parte da sociedade.

Em suma, um problema social é um problema que o educador tem em comum com o agricultor, com o operário, com o pequeno comerciante, com o trabalhador de colarinho engomado. O problema é social porque é comum. Ou por outra: as causas que produzem os sofrimentos dos homens e das mulheres nesses outros grupos são as causas que provocaram a crise da educação. Portanto, se começamos a estudar o problema social de sorte que o educador chegue a conhecê-lo perfeitamente, ele descobrirá que os nossos interesses como mestres são idênticos aos de todos essas pessoas. Se não compreendermos a identidade de interesses que nos une a todos, nosso interesse pelos problemas sociais permanecerá num nível acadêmico. Ou, na menor hipótese, será mais sentimental do que prático.

Esta comunidade de interesse não está confinada ao fato de que os mestres, como os membros dos outros grupos, necessitem segurança pessoal e a devida remuneração pelo seu trabalho. A segurança da função útil, de um serviço necessário à sociedade, está em perigo. O educador tem con-

ciência de que realiza uma função social indispensável. As condições atuais o fazem perceber o êco de que a realização deste papel precisa ser favorecida. Mas isto mesmo é verdadeiro em todos os demais grupos.

A sociedade não existiria sem os agricultores e operários de fábricas e oficinas. Todos os grupos são, igualmente, vítimas de forças antissociais. Pois nada se pode conceber mais profundamente antissocial do que as condições e fatores que paralizam aos que estão comprometidos a realizar uma obra social necessária e que os impedem de levar a cabo a sua obra, privando a sociedade do que ela necessita e desmoralizando os próprios trabalhadores. A não ser que o mundo se converta num manicômio e, a não ser que a ordem e a justiça fiquem alheios à sua constituição, tal estado não pode continuar indefinidamente.

A relação de educação com os problemas sociais não é, pois, externa e acadêmica. Reside, primeiramente, na comunidade de interesses dos educadores com todos os trabalhadores que são genuínos produtores de necessidades sociais. Esta comunidade de interesses tem seus polos negativo e positivo. Os educadores e outros seres semelhantes necessitam de proteção contra a instabilidade pessoal, a insegurança e o desastre ameaçador. Deve-se-lhes garantir a efetiva possibilidade de realizarem os serviços que a comunidade inteira reclama.

Eu insistiria dizendo-lhes que o primeiro passo que os educadores devem dar é o pleno reconhecimento desta comunidade de interesses. Senão se afastarem deste ponto, eu temo que o interesse recém-despertado dos mestres pelos problemas básicos sociais operará remotamente, e, faltando um apoio, langüecerá, apenas volte uma prosperidade moderada.

O segundo passo que se segue naturalmente para a relação de uma comunidade de interesses é a aliança da simpatia com a ação. O campo e o papel da educação não se limitam, evidentemente, às crianças, embora os mestres, como totalidade, tenham tido sua parte na aplicação da educação limitada a crianças e jovens, deixando à imprensa e a outros

instituições a formação dos juízos e sentimentos dos adultos. Enquanto os educadores considerarem a sua obra como algo estranho à de outros trabalhadores e julgarem seus interesses isolados, persistirá, seguramente, este estado de coisas.

A aliança dos educadores com outros que se acham em situação desvantajosa, em consequência da caótica e iníqua ordem econômica da sociedade, é, até onde posso alcançar, o único meio de mudar tal estado de coisas, habilitando os educadores a participarem na educação normal dos adultos.

Uma razão de não poderem assim proceder atualmente é não estarem preparados para isso, mesmo intelectualmente. Participam do analfabetismo econômico, que é tão geral, e grande parte desta ignorância é, por sua vez, devida ao fato de se achar o mestre afastado das massas populares sobre a qual mais gravemente pesa o desordenado esquema econômico.

Os educadores podem adquirir a educação que os habilite a ajudar as demais apenas com a efetiva realização da comunidade de interesses de que falei. A mesma identificação de simpatia e pensamento derribará as barreiras que separam os mestres dos outros grupos e que os faz aparecer perante estes como mais ou menos suspeitos.

Fala-se muito agora acerca da importância de um plano social para assegurar a integração e a coordenação de que nossa sociedade enferma tão urgentemente necessita. Quando li a memória da Comissão a respeito das tendências sociais, a tendência mais relevante era uma condição de instabilidade devida ao desenvolvimento independente e desconexo das diversas partes do organismo social.

E, segundo os que informam com moderação científica a respeito dessas tendências, o desenvolvimento desconexo da parte econômica, tanto como totalidade em relação com outros interesses, como internamente na relação de suas partes entre si, é a principal causa responsável pelo desequilíbrio existente. Hoje a necessidade de plano e coordenação é, pelo menos teoricamente, um lugar comum. Mas isto não pode realizar-se no papel nem por meio de planos perfeitos em teoria. O problema não consiste apenas em ajustar fun-

ções impessoais como produção e consumo. O elemento humano nele intervém. A obra há de ser realizada pelo povo. Mas esta não se fará conquanto o povo, como seres humanos, não se compreender e se simpatizar reciprocamente.

Os mestres nem mesmo modestamente participarão na edificação da nova ordem social, se não romperem o afastamento e a indiferença pessoal pelas causas que têm em comum com os agricultores, os operários de fábrica e os trabalhadores de colarinho engomado, e tenham deixado de pensar nos seus interesses isoladamente. A obra que se há de executar na educação social ulterior dos próprios mestres em matérias econômicas e no trabalho que hão de realizar com os jovens, só se poderá executar quando os mestres, começando por suas próprias atividades e funções, ampliarem suas perspectivas e simpatias até chegarem àquela associação prática, com outros trabalhadores, que cria laços comuns e produz o intercâmbio de experiências e idéias num esforço comum prático. O dever de educar os jovens para a cidadania é universalmente reconhecido, mas só em palavras. Atualmente, muito do trabalho realizado nesse sentido é nulo, porque a importância do fator econômico na boa cidadania não recebe a devida atenção. Não se vê como pode merecer essa atenção sem se realizar de comunidade de interesses e a consequente aliança da simpatia e da inteligência de que venho falando.

Concluindo, permiti-me dizer que um dos primeiros passos que hão de dar praticamente para efetuar uma conexão íntima da educação com as atuais responsabilidades sociais é, para os mestres, formarem-se mais diretamente nos assuntos educacionais e na organização e na direção das escolas, por *afirmarem-se*, entendendo tanto na direção interna das escolas introduzindo maior porção de responsabilidade do mestre na administração, como na reação externa com o público e com a comunidade. A presente ditadura da política escolar exercida pelos banqueiros e por outros grupos financeiros exteriores, é mais que prejudicial à causa da educação. É também um comentário patético e trágico à falta

do poder social da profissão docente. Os mestres não farão muito pela solução dos problemas sociais, fora da influência indireta da discussão acadêmica e muito menos para edificarem uma nova ordem social, enquanto não tomarem parte ativa na solução dos problemas educativos que lhes concernem mais diretamente em suas próprias comunidades locais.

Começar pela casa volla a ser aqui a lição que deve ser aprendida.

#### PALAVRAS DE MESTRES

*Os interesses do adulto são, quasi todos, profundamente artificiais: formaram-se a pouco e pouco. Objetos de natureza repulsiva acabam por se tornarem as únicas coisas de que ele se ocupa verdadeiramente, graças á conexão em que esses objetos se acham com os seus interesses imediatos, com as suas obrigações sociais e com a força dos seus hábitos. Pudéssemos evocar toda inteira a nossa história particular e veríamos que o nosso ideal profissional e o zelo que ele nos inspira resultam da lenta agregação de um objeto de pensamento a outro. Poderíamos acompanhar, passo a passo, estas incorporações até o momento em que, na classe ou em casa, a descrição de uma historieta, a vista de uma ação de somenos importância, lançasse sobre o novo objeto um interesse novo com associá-lo a um interesse já presente. E o interesse que impregnou o sistema inteiro do nosso pensamento foi todavia despertado por esse pequenino incidente, tão insignificante que logo o esquecemos de todo. Quando enxameiam, ligam-se as abelhas em cachos umas ás outras e se unem ao reduzido número de insetos pousados no ramo a que se suspende o enxame. O mesmo se dá com os objetos do nosso pensamento. Ligam-se uns aos outros por diversas rédes de associações; mas a fonte original do interesse que encerram todos esses objetos é o interesse natural que possuía o primeiro deles.*

WILLIAM JAMES

## Notas, avisos e instruções oficiais

### CORPO TÉCNICO DE ASSISTÊNCIA AO ENSINO

#### *Instruções para organização do caderno de preparação de lições*

O caderno de preparação das lições tem por objetivo orientar o professor na execução de seu trabalho, tornando-o mais organizado e eficiente. A preparação das lições faz-se, pois, necessária, destacando-se dentre suas múltiplas vantagens, as seguintes:

- a) economia de tempo, evitando divagações inúteis;
- b) organização lógica, das lições;
- c) estímulo ao estudo, permitindo ao professor constante aumento e renovação de seu cabedal de conhecimentos;
- d) meio de controle do desenvolvimento da classe pela anotação diária dos resultados obtidos;
- e) fonte de informações do trabalho do professor, tornando conhecida em qualquer época sua atuação pedagógica.

Não sendo mais discutida entre professores a necessidade do caderno de preparação de lições, discutida tem sido a forma de registro do trabalho diário, havendo às vezes discordância no modo de pensar dos encarregados da inspeção e assistência técnica do ensino sobre tão importante assunto.

Por esse motivo, resolveu o C. T. A. E. baixar as presentes instruções, esperando que as mesmas venham unificar os diversos pontos de vista.

*Organização* — O caderno não precisa ser amplamente desenvolvido. Conterá, entretanto, os tópicos essenciais á orientação do trabalho e á consecução dos objetivos desejados. Pelo conteúdo de cada tópico poderão ser observados:

- a) a compreensão do professor sôbre as finalidades da escola;
- b) o conhecimento dos programas e da nova orientação pedagógica;
- c) o interesse pelos resultados de seu trabalho.

Para facilidade de explanação foram divididos os tópicos em dois grupos: os que se referem ao "plano geral" e os que se referem ao "plano diário", vindo todos conjuntamente quando o professor puder alcançar seus objetivos em um dia ou menos de aulas.

a) Plano geral: 1) assunto; 2) motivação; 3) objetivos; b) Plano diário: 1) matérias; 2) desenvolvimento; 3) resultados.

Considera-se "plano geral" o que o professor traça para reorganizar a experiência de seus alunos, associando ao assunto do plano as diversas matérias do curriculum e as atividades extra-curriculares; e "plano diário", o que corresponde a cada uma das etapas percorridas diariamente pelo professor para a completa realização de seus objetivos.

*Assunto* — Neste tópico deve figurar o "projeto", "centro de interesse" ou "plano de estudos". Exemplo: "A habitação do homem". Por ele poderá ser observado o critério da escolha dos assuntos que melhor permitem a globalização das matérias e a execução do programa.

*Motivação* — É uma das partes essenciais do plano. Demonstra à primeira vista o conhecimento que o professor tem dos principais problemas da escola ativa (interesse, jogo, imitação). A motivação é o impulso vital do trabalho da classe. Nela se encerra a maior parte de sucesso da aula. Pela motivação se desperta o interesse do aluno e se dispõe seu espírito para receber as lições, deixando-o entrever uma finalidade em seu trabalho. A motivação surge às vezes incidentalmente, outras habilmente provocada pelo professor. Num caso como noutro, o que deve predominar é a relação íntima entre o interesse do aluno, e o trabalho que realiza. O estudo da "habitação do homem", por exemplo, já



foi motivado em uma classe pela leitura do "Robinson Crusé", dada a situação do aventureiro na ilha deserta.

*Objetivos* — Nenhum trabalho será realizado na escola sem finalidades. Embora o conceito de educação atualmente em voga englobe as atividades curriculares e extra-programa, visando, sob todos os aspectos, a reorganização da experiência do educando, julgamos conveniente dividir os objetivos da escola em dois grupos:

- a) objetivos de educação;
- b) objetivos de ensino.

Nos primeiros se encontram naturalmente os valores morais (virtudes, hábitos, atitudes, sentimentos, ideais), que a escola pretende incorporar à conduta do aluno; nos segundos se enquadram os assuntos referentes a cada matéria de ensino, de acôrdo com o programa da classe, que devam ser abordados no estudo a ser feito.

Pelos objetivos fixados no plano verifica-se:

a) qual a orientação que o professor dá ao trabalho escolar em relação aos fins da educação (disciplina moral, desenvolvimento natural, cultura pessoal, eficácia social, eficácia cívica, etc.);

b) se o professor está procurando executar o programa traçado para a classe sob sua direção, relativo a cada uma das matérias do ano.

E' esta, sem dúvida, a parte mais difícil do plano. Em relação aos objetivos do ensino, se bem que os programas fixem os conhecimentos necessários ao aluno, o método global não permite muitas vezes, ou a maior parte das vezes, que o professor siga a ordem lógica dos assuntos, o que exige a criação de oportunidades para constantes exercícos de fixação e revisão de assuntos, bem como do preenchimento de lacunas existentes, fatos que obrigam o professor a habilidades e cuidados especiais para não promover alunos sem o mínimo de conhecimentos necessários. Quanto aos objetivos de educação, deixamos à consciência dos professores o retirar de nossas melhores tradições de moral, cultura e civismo os

valores necessários à formação do homem que há de servir a Deus, à Pátria e aos semelhantes, incorporá-los à conduta dos alunos pelo *processo de fazer e agir*.

NOTA — Estes três tópicos — assunto, motivação e objetivos — devem figurar apenas no plano geral, porque são as coordenadas de todo o trabalho que se pretende executar. Esse plano geral será então desdobrado em planos diários, nos quais figurarão sómente os tópicos — matérias, desenvolvimento e resultados.

No plano diário, em seguida a cada *matéria*, escreverá o professor o *desenvolvimento* da lição, do qual deverão constar:

- a) o processo a ser empregado;
- b) a enumeração do material necessário à elucidação do assunto;
- c) os exercícios de fixação ou verificação dos conhecimentos;
- d) as atividades que a lição comporte.

Exemplo:

*Geografia e História* — A habitação do homem primitivo e do homem moderno. Habitação do indígena brasileiro. Os tipos de habitação das diversas regiões do globo. Apresentação de gravuras relativas ao assunto. Estudo comparativo dos tipos de habitação. Localização de regiões nos mapas, etc.

Estes dois tópicos do plano diário mostram se o professor aproveita as oportunidades para o estudo de todas as disciplinas do curso, bem como os processos que emprega para resolver as dificuldades dos alunos e criar-lhes bons hábitos de iniciativa, trabalho, investigação, cooperação, etc.

*Resultados* — Após as aulas do dia o professor registrará os resultados positivos ou negativos do trabalho, não só quanto aos objetivos de educação, como aos de ensino, fixando as reações de ordem moral ou mental da classe. É uma

crítica natural ao que foi feito durante o dia, para que se possa organizar o plano do dia seguinte.

Algumas partes do plano precisam ser debatidas; certos alunos não conseguiram atingir o objetivo desejado; o professor verificou ter perdido algumas boas oportunidades, etc. — são pontos que devem ser examinados antes da continuação da série de planos de qualquer estudo da classe. Em relação aos objetivos de educação, convém que o professor fixe bem a atitude dos alunos em face de assuntos que devem promover uma modificação de conduta.

*Observações* — As presentes instruções não visam estabelecer uma forma dentro da qual se ajustem os planos de lições do professor. São apenas uma orientação, destinada a unificar, quanto possível, o critério no registro das lições e a evitar que se torne artificial o registro de certos tópicos como, por exemplo, a *motivação*. Como vimos, a *motivação* é o impulso vital do trabalho; perdurará até a etapa final, como no caso de uma excursão que provoca o estudo do café; não é necessário, portanto, que diariamente o professor se refira à *motivação*; o próprio encadeamento das matérias e dos assuntos se processa por efeito do impulso inicial. Quando, porém, um fato qualquer der origem a outra ou lembre de interesse, o professor anotará o ocorrido nos *resultados*.

Quanto à forma de registro, poderá o professor fazê-lo horizontalmente, no sentido das pautas do caderno, ou verticalmente, por colunas encimadas pelos seguintes tópicos: *Matérias*; — *Desenvolvimento*. Virão em seguida, escritos normalmente, os *resultados*.

NOTA — O C. T. A. E. espera receber dos senhores professores planos de lições que obedçam às normas aqui lançadas. Estes planos, depois de estudados, serão publicados na "Revista do Ensino" como modelos.

Belo-Horizonte, 11 de junho de 1934.— *Floriano de Paula*, auxiliar técnico do Secretário da Educação.

## Escola solidarista

(Comunicado da Diretoria Geral de Informação, Estatística e Divulgação, do Ministério da Educação - Saúde Pública).

Em um dos últimos números da "Enciclopédia de Educação", publicação trimestral da Diretoria de Ensino Primário e Normal do Uruguai, o sr. Eduardo Rogé, diretor do Museu Pedagógico de Montevideó, divulgou em espanhol interessante artigo de Alberto Chesex, publicado em "L'Éducateur", sob o título "Wilhelm Paulsen e a Escola Solidarista", do qual extraímos, a título de util vulgarização, as breves notas que se seguem.

Embora modernamente as vistas dos educadores se tenham desviado da Alemanha para voltar-se preferentemente para a Itália e a Bélgica, tanto quanto para a Austria e a América, continua desperto o gênio pedagógico alemão, como o demonstra o folheto de Adolpho Ferrière, dedicado a Paulsen e à sua escola solidarista (Gemeinschaftsschule).

Mas, que é essa escola solidarista para justificar tal conceito?

Vejamos textualmente a caracterização que lhe dá o articulista.

"Assim como o fizeram todos os grandes educadores, Paulsen não tem em vista o facilitar a aquisição do saber ou o preparar a criança para a vida tal como é. Seu objetivo é mais elevado: a educação deve reformar a sociedade. A *Gemeinschaftsschule* é a escola organizada como uma comunidade de vida. Seus princípios são a colaboração e o sacrifício parcial do indivíduo para o bem da comunidade. A escola não deve continuar fazendo egoístas. A criança, disse o próprio Paulsen, deve chegar a ser membro de uma comunidade cuja vida participe a um tempo da animação dos jogos e do sério que a responsabilidade social do traba-

lho permite. A função desta comunidade será a de conduzir à criança a cultura e os deveres sociais do mundo dos adultos, sem violentar, de qualquer forma que seja, sua evolução natural. A criança deve descobrir-se e conquistar-se ela própria, à medida que se adapta mais e mais intimamente à comunidade, pelo que deve esta favorecer sem reservas esses movimentos instintivos de crescimento e formação.

Para poder assumir o desempenho desta missão, a comunidade não ha de estar constituída por uma simples reunião de trabalhadores intelectuais, sem chegar a ser uma verdadeira vida em comum, um organismo econômico independente, de caráter mais ou menos rural ou industrial. Não é possível implantar reforma alguma do ensino e da vida da criança — e isto deve ser dito sem rodeios — se tal reforma não tem sua condição prévia e seu fundamento na constituição efetiva de uma sociedade viável. As experiências e as peripécias do trabalho, o esforço para criar, sustentar e desenvolver uma atividade econômica, exercem enorme influência no desenvolvimento da criança. A abundância de deveres, de responsabilidades e de obrigações de toda espécie, que implica esta atividade, fortifica de tal modo a vontade moral, que seria impossível pensar em um meio educativo mais perfeito e natural, no sentido de preparar a criança para a vida social."

Depois de assinalar, em seguida, que Paulsen não se para a criança da família, antes solidariza a escola com os pais, formando assim a verdadeira comunidade escolar (*Schulgemeinde*), "que deve ser um fóco de cultura", frisa o articulista que sob o ponto de vista solidarista é um erro selecionar os alunos em *dotados* e *não dotados*, isto é, em aptos ou não para o trabalho intelectual *unicamente*, porque — prova-o a experiência — os não dotados são bastante capazes em outros domínios. Daí a conclusão de que as crianças devem permanecer juntas precisamente porque seus dotes são distintos e o que falta a uma sobra em outra tornando-se, portanto, aconselhável, não a emulação entre alunos igualmente dotados, mas sim que todos ponham suas forças

ao serviço do grupo e daqueles que tiverem dotes diferentes.

Na escola solidarista, assim, nem notas, nem boletins, nem postos de honra, "afim de não sufocar nas crianças os sentimentos de solidariedade e de simpatia", e para que se não destrua entre elas "o sentimento de unidade". E os efeitos a que tais recursos se destinam são vantajosamente obtidos pelo entendimento entre pais e mestres.

Caracterizando o seu método, Paulsen, que só admite a escola ativa, assim se exprime: "É necessário que os estabelecimentos de educação se transformem; de agente passivo, a criança deve passar a ser ativa, por isso que não são os mestres nem tão pouco os fins impostos à criança, que a formam e instruem: *é a criança que se instrue e se forma por si mesma*. O maior erro da nossa escola catequizante tem sido o de supôr que, pela escolha engenhosa de programas e métodos hábeis, poderia criar o interêssé e a boa vontade nos alunos, e alcançar uma cultura real, como se a cultura podera ser ensinada e comunicada diretamente, ela que é uma ação profunda, uma aquisição pessoal, uma vida da alma".

O artigo a que nos reportamos termina encarecendo o supra citado trabalho de Ferrière, que constitui um documento tão breve quanto substancioso, "nêle se encontrando páginas de primeira ordem sôbre a escola solidarista, a escola única, a educação moral e cívica, o laicismo, a educação religiosa e a função do mestre na educação nova".

AS COLEÇÕES dos anos anteriores da  
"Revista do Ensino" são vendidas a  
25\$000 cada uma. Peddos à Direção.

## O ensino primário no Distrito Federal

(Comunicado da Diretoria Geral de Informações, Estatística e Divulgação, do Ministério da Educação e Saúde Pública)

A organização do ensino primário no Distrito Federal obedece fundamentalmente ao sistema instituído pela reforma de 1928, realizada em virtude da lei municipal n.º 3.281, de 23 de Janeiro daquele ano, e do decreto n.º 2.940, de 22 de Novembro seguinte, que aprovou o regulamento da referida lei.

Essa organização, concebida para reger a educação no principal centro político do país, devia necessariamente figurar entre as mais perfeitas da Federação, refletindo as aspirações e a cultura das elites mais estreitamente em contacto com a alta administração da República e com os recursos abundantes que decorrem dessa situação privilegiada. E foi êsse o objetivo atingido pela reforma de 1928 que constitui um expressivo documento do progresso da nossa evolução educacional, já pela latitude do seu plano, já pela excelência dos ideais pedagógicos que consagrou e que vem brilhantemente desenvolvendo o ilustre técnico a cuja alta competência estão entregues agora os destinos da instrução municipal.

Nos termos do artigo 1.º do regulamento n.º 2.940, o ensino público do Distrito Federal, a cargo da municipalidade, devia compreender o ensino infantil, o primário, o vocacional, o normal, o técnico profissional e o doméstico. O ensino secundário era objeto do projeto que se consubstanciou na lei n.º 3.281, o qual dispunha sôbre a concessão de certificado de habilitação no curso secundário municipal aos alunos que terminassem o curso propedêutico da Escola Normal. O dispositivo que consignava essa inovação não foi sancionando pelo Prefeito por colidir com a Constituição de 1891 e com a Lei Orgânica da Municipalidade, mas, em vir-

tude do artigo 1.º do decreto n.º 3.763, de 1 de Fevereiro do ano passado, a compreensão do ensino público municipal foi ampliada passando a abranger "o ensino dito secundário, organizado de acordo com a legislação federal em vigor", e o ensino para adultos, este em cursos de continuação, ministrados nos estabelecimentos de ensino profissional.

A responsabilidade pelas atividades educacionais a cargo do Município cabe à Diretoria Geral de Instrução, que se desdobra nos seguintes serviços técnicos e administrativos de centralização e coordenação:

- a) matrícula e frequência escolares;
- b) classificação e promoção de alunos;
- c) programas escolares;
- d) obras sociais escolares, peri-escolares e post-escolares;
- e) educação de saúde e higiene escolar
- f) educação física;
- g) música e canto orfeônico;
- h) ensino secundário geral e profissional;
- i) prédios e aparelhamentos escolares;
- j) estatística e cadastro;
- k) expediente e publicidade administrativa;
- l) pessoal e arquivo;
- m) contabilidade.

É esta a organização vigente instituída pelo artigo 2.º do decreto n.º 3.763, de 1 de Fevereiro de 1932, que revogou em vários pontos a lei n.º 3.281, de 1928. As antigas Sub-Diretorias Administrativas e Técnica da Diretoria Geral de Instrução Pública deixaram de existir em virtude dos decretos ns. 3.841, de 11 de Abril, e 3.788, de 29 de Fevereiro de 1932, respectivamente, criando-se uma Secretária Geral para a aludida Diretoria. O Conselho de Educação, instituído pelo artigo 19 da reforma de 1928, foi remodelado na sua composição, substituídos os sub-diretores, cujos cargos foram extintos, e o diretor da Escola Normal, pelos diretores das Escolas de Professores e Secundária do Instituto de Educação e pelo Chefe do Serviço de Programas Escolares.

A fiscalização do ensino primário continua a cargo do corpo de Inspectores Escolares, aos quais cabem também as atribuições de orientar o professorado, e todas as demais discriminadas na lei orgânica do ensino e no seu regulamento.

O ensino infantil é ministrado no Distrito Federal nos jardins de infância às crianças de 4 anos completos e de menos de 7 anos de idade, estendendo-se por um período de três anos. O regulamento de 1928 cogitou também das escolas maternais para crianças de 2 anos completos e de menos de 4, escolas que deviam ser instaladas nas proximidades das fábricas e se destinavam preferentemente aos filhos de operários. O ensino fundamental primário compreende um período de 5 anos, dos quais o quinto constituirá um curso provocacional, técnico elementar, diferenciado na sua natureza conforme a zona em que funcionar a escola. O ensino vocacional de 2 anos que, no regime da reforma de 1928, seria dado nos cursos complementares anexos às escolas normais, profissionais e domésticas, foi incorporado aos cursos normal e teóricos de ensino profissional pelo artigo 15, do decreto n.º 3.763, de 1 de Fevereiro de 1932. De acordo com o artigo 45, da lei n.º 3.281, a escola primária no Distrito Federal é de tipo único, uniforme nas suas bases humanas e nacionais, competindo-lhe, pelo seu ambiente, pela ação do professor e pela organização dos seus programas, uma obra intensa de educação integral que se realizará pela educação física, pela criação e desenvolvimento de hábitos higiênicos, pela educação intelectual ativa e utilitária, pela educação moral e pela educação cívica. O ensino será intuitivo, partindo sempre do ambiente regional em que se deve inspirar e com o qual manterá contacto direto, baseando-se na colaboração efetiva entre professores e alunos, nas lições e nas experiências.

É gratuito o ensino primário de 5 anos e são obrigadas em princípio à frequência escolar todas as crianças de 7 a 12 anos de idade. Não prevalece, porém, a obrigatoriedade quando não houver escola pública num raio de 2 quilômetros da residência do educando e também em relação às crianças indigentes a que não seja possível prestar assis-

tência escolar (vestuário, etc.), às incapazes física ou mentalmente, e às que sofrerem de moléstia contagiosa ou repulsiva.

Havendo vagas facultava-se a matrícula às crianças de 13 a 16 anos.

Os educandários classificam-se em escolas nucleares, escolas fundamentais e grupos escolares.

As primeiras ministram o ensino em três anos, nas localidades onde houver, pelo menos, 30 crianças em idade escolar. Constam de uma classe com o número máximo de 40 discentes.

Distribuem-se, quanto à situação, em urbanas, rurais e marítimas, quanto aos discentes em masculinas, femininas e mistas e são designadas numericamente dentro de cada distrito escolar. Se, numa área de 2 quilômetros a população em idade escolar permitir a matrícula mínima de 90 alunos será nessa localidade instalada uma escola fundamental que constará, pelo menos, de 3 classes.

Os grupos escolares terão, no mínimo, 10 classes e funcionarão onde, uma área de 2 quilômetros, houver população em idade escolar que permita a matrícula de 300 alunos ou mais.

A duração do curso nas escolas fundamentais e nos grupos escolares é de 5 anos.

A reforma de 1928 fixou em 4 horas e meia, pela manhã ou à tarde, o dia letivo das escolas nucleares, de acordo com a conveniência da população escolar e sem prejuízo do ensino.

As escolas fundamentais e aos grupos escolares facultou o regime dos turnos, como uma direção única e professores diferentes, separados os períodos por um intervalo mínimo de meia hora.

Em virtude do artigo 3.º do Decreto n.º 4.088, de 10 de Dezembro de 1932, que uniformizou o quadro dos professores primários, o horário escolar diário será de 5 horas, podendo o Diretor da Instrução reduzi-lo, por conveniência do serviço, a 4 horas e meia. O artigo 7.º do mesmo decreto es-

tabeleceu que o ano letivo irá de 1.º de Março a 15 de Dezembro, suprimidas as férias de Junho.

As instituições auxiliares do ensino têm tido grande desenvolvimento no Distrito Federal. Até Setembro de 1932 estavam registrados pelo Serviço de Obras Sociais Escolares, 178 Círculos de Pais e Professores, 165 Associações de Assistência Alimentar, 111 Bibliotecas Infantis, 89 Cooperativas Infantis, 85 Clubes de Saúde, 34 Clubes Literários, 20 Clubes de Leitura, 13 Clubes Desportivos, 7 Clubes de Amigos da Natureza, 5 Associações Post-Ecolares e 2 Bancos Escolares.

De acordo com o artigo 33 do decreto n.º 3.763, de 1 de Fevereiro de 1932, foram aprovadas em 31 de Maio de 1932 minuciosas instruções sobre o sistema de Caixas Escolares. O decreto n.º 3.757, de 30 de Janeiro do referido ano, organizou o Fundo Escolar do Distrito Federal regulando-lhe a aplicação e a administração.

A instrução primária particular é livre e sujeita ao registro que depende do preenchimento de certas condições, entre as quais as que exigem ser ministrado o ensino (com exceção do de linguas) em vernáculo, e serem brasileiros os professores de português, geografia e história do Brasil e educação cívica.

Segundo um cálculo oficial da municipalidade, a despesa com a instrução pública primária e com os jardins de infância a cargo da Prefeitura do Distrito Federal elevou-se, em 1930, a 20.829:115\$672, que representavam 10,6% da renda anual própria da comuna (excluídas as operações de crédito). O custo médio por aluno matriculado atingiu a . . . . 244\$985 e, por aluno freqüente, a 320\$941. A despesa municipal no aludido ano importou em 209.104:010\$318, e a receita arrecadada, em 196.177:174\$824.

As estatísticas educacionais de 1931 registraram os seguintes algarismos com relação ao movimento do ensino primário na Capital da República:

Escolas — 819 (9 federais, 295 municipais e 515 particulares), das quais masculinas — 112, femininas — 85 e mistas — 622.

Número total de professores — 4.635 (no ensino federal — 38, no municipal — 2.980 e no particular — 1.617), pertencendo 617 ao sexo masculino e 4.018 ao feminino.

Número de alunos matriculados — 129.945 (no ensino federal — 1.903, no municipal — 92.196 e no particular — 35.846), cabendo ao sexo masculino 65.843, e ao feminino, 64.102.

Número total de alunos freqüentes — 103.304 (no ensino federal — 1.638, no municipal — 72.752 e no particular — 28.914), representado o sexo masculino por 52.043 e o feminino por 51.261.

Número total de alunos que concluíram o curso — 7.040 (no ensino federal, nenhum, no municipal — 2.962 e no particular — 4.078), contribuindo o sexo masculino com 3.362, e o feminino, com 3.678.

## PALAVRAS DE MESTRES

*Desenvolver cada indivíduo em toda a perfeição que ele comporta, tal é o fim da educação.*

KANT

\*

*Pudesseis, moços, compreender de leve a rapidez com que todos vos transformais em simples feixes ambulantes de hábitos e, aproveitando a plasticidade que ainda o vosso caráter possui, prestariéis mais atenção à vossa conduta.*

WILLIAM JAMES

\*

*A educação tem por fim o desenvolvimento harmônico de todas as faculdades humanas.*

STEIN

Origem: Doação

Preço: \_\_\_\_\_

## ESCRITÓRIO DE PROCURATORIOS

DE

**Argêua Paulo Guilherme e Afonso Ferreira Paulino**

brasileiros, casados, residentes na Capital

**ANEXO À CASA BANCÁRIA Dr. Antonio Ferreira Paulino**

Extração de títulos. Remoções. Licenças. Férias especiais. Certidões. Aposentadorias. Adicionais sobre vencimentos. Gratificações regulamentares. Material escolar. Matrícula na Escola de Aperfeiçoamento. Diárias. Previdência dos Servidores do Estado, a saber: inscrição na Sociedade; resgate e adiantamento, sem juro, de empréstimos da mesma

**Quaisquer serviços perante as repartições públicas**

**Rua Rio Grande do Norte, n. 641 — Tel. 3.030**

**CAPITAL**

## ESCRITÓRIO DE ADVOCACIA E PROCURATORIOS

**Carlos da Cunha Corrêa e Carlos Alberto Corrêa**

Encarregam-se de todos os serviços perante Repartições públicas estaduais, especialmente o processado de aposentadoria consoante o novo Decreto.

Remetem antecipadamente os vencimentos de constituintes permanentes, de acordo com as normas estabelecidas pelo escritório.

**PEÇAM PROSPECTOS**

**Rua Santa Catarina, 478 — Belo-Horizonte**